

8. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, D. M. de; ALUÍSIO, S. M. **Manual de uso do Coh- Metrix Port 1.0**. Technical Report NILC-TR-09-05, 13 p. Agosto 2009, São Carlos-SP.

ANDRADE, A. de L. F. de; FINAMORE, R. G.; MACHADO, M. Som; MICARELO, H. A. L da S.; SILVA, J. T. F.; TAVARES, A. L. D. **Revista da Escola. SAERJ – 2010** / Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. Rio de Janeiro.

BHATIA, V. K. Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Historie**, Bruxelles, 75: 629-652.1997.[Tradução: Benedito Gomes Bezerra] Rev. de Letras – nº.23 – vol. 1/2 – jan/dez. 2001. Disponível em : <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl23Art18.pdf> . Acessado em 02 de agosto de 2013.

COSCARELLI, C. V. **O ensino da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Boletim da Associação Brasileira de Linguística, Imprensa Universitária, Maceió, dez. 1996.

COSCARELLI, C. V. **Entendendo a leitura**. Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte: UFMG. v. 10, n. 1, p.7-27, jan./jun. 2002.

DAVIS, C.; NUNES, M. M. R.; NUNES, C. A. A. Metacognição e sucesso escolar: articulando teoria e prática. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 205-230, maio/ago. 2005.

FULGÊNCIO, L. & LIBERATO, Y. **Como facilitar a leitura**. São Paulo: Contexto, 1992.

KATO, M. A. **O aprendizado da leitura**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. A. Toward a model of text comprehension and production. **Psychological Review**, v. 85, n.5, 1978.

KLEIMAN, A. B. **Oficina de leitura, teoria e prática**. São Paulo: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 14ª edição, 2012.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: Definição e Funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs) **Gêneros textuais e Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARTINS, T. B. F.; GHIRALDELO, C. M.; NUNES, M. G. V.; OLIVEIRA Jr., O. N. **Readability Formulas Applied to Textbooks in Brazilian Portuguese**. Notas do ICMSC, n. 28, 1996.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Guia de Elaboração e Revisão de Questões e Itens de Múltipla Escolha**. Disponível em: download.inep.gov.br/.../guia/guia_elaboracao_revisao_itens_2012.pdf. Acessado em: 18 de outubro de 2012.

MOTTA-ROTH, D. Análise Crítica de Gêneros: Contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. D.E.L.T.A., p.341-383, 2008. Disponível em: <www.letramagna.com/desire.htm> Acessado em 06 de agosto de 2013.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. Explorando modalidades retóricas sob a perspectiva da multimodalidade. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 43–66, jan./jun.2010 Disponível em http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r40/artigo_03.pdf Acessado em: 06 de agosto de 2013.

PERFETTI, C. A.; LANDI, N.; OAKHILL, J. The acquisition of reading comprehension skill. In: SNOWLING, Margaret J.; HULME, Charles. (Eds.). **The Science of Reading: A Handbook**. Oxford: Blackwell, 2005, p. 227-247.

RODRIGUES, E. dos S.; NETO, J da S. Propriedades linguístico-textuais de livros acadêmicos introdutórios: subsídios para identificação de

habilidades de leitura requeridas para alunos universitários. Projeto de Pesquisa, Departamento de Letras, PUC-Rio, 2011.

ROJO, R.; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAERJINHO Prova bimestral do Sistema de Avaliação da Educação Básica do Estado do Rio de Janeiro: Matriz de Referência de Língua Portuguesa. Disponível em: www.rj.gov.br/seeduc. Acesso em 06 de janeiro de 2012.

SCARTON, C. E., ALMEIDA, D. M. E ALUÍSIO, S. M. Análise da Inteligibilidade de textos via ferramentas de Processamento de Língua Natural: adaptando as métricas do Coh-Metrix para o Português. **Linguamática**, v. 2, n. 1, p. 45-62, Abril 2010.

2000. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (ENSINO MÉDIO)**. Parte II – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acessado em 02 de agosto de 2013.

9. Anexos

Anexo 1 – exemplos dos tipos de questão de múltipla escolha

Tipo 3 – Questão de resposta múltipla: Como este tipo de questão objetiva não aparece em nenhuma das provas analisadas, tomamos um exemplo do próprio guia de elaboração de itens de múltipla escolha:

Na região de Aimorés, Minas Gerais, está sendo construída uma grande hidrelétrica para obtenção de energia. A localidade de Itueta será totalmente inundada para a formação da represa. Essa prática pode trazer alguns problemas ambientais como:

- I. Alteração na diversidade das espécies de peixes.
- II. Diminuição das áreas de terras para agricultura.
- III. Empobrecimento geral do solo da região.
- IV. Expansão de habitats de vetores de doenças.

Os problemas que realmente podem ocorrer são:

- A) I, II e III.
- B) I, II e IV.
- C) I, III e IV.
- D) II, III e IV.

(Ferreira, M. F. L. Questão 24743. Banco de Itens da SEEMG. BH: DAVE/SEEMG, 2006)

Tipo 4 – Questão de foco negativo :Conforme ocorrido no tipo 3, segue-se um exemplo do guia do Governo de Minas:

Exemplo:

PREVISÃO DO TEMPO PARA REGIÃO SUDESTE



Fonte: Climatempo, acessado em 26/03/05.

Segundo a interpretação do mapa, é incorreto afirmar que houve previsão de:

A) sol forte e temperaturas elevadas durante o dia, nuvens carregadas e chuvas isoladas ao final da tarde, no Oeste e Sul do estado de São Paulo.

B) sábado de sol encoberto (intensa presença de nuvens) em toda a região Sudeste, o que indica baixíssimas temperaturas durante o dia.

C) sol e chuva no Leste, Centro-leste, Nordeste e Sul do estado de Minas Gerais com chuvas ao final da tarde.

D) sábado de tempo quente no Sudeste do Brasil, com predomínio de sol e calor.

(Ascensão, V. de O. R. Questão 32991. Banco de Itens da SEEMG. BH: DAVE/SEEMG, 2006)

Tipo 5 – questão de asserção e razão:

O movimento migratório ilegal mantém redes ilegais no mundo todo.

Porque:

A ilegalidade é combatida com leis rígidas nos países desenvolvidos.

Sobre essas duas afirmativas, é **correto** afirmar que

A) as duas são verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.

B) as duas são verdadeiras, mas não estabelecem relação entre si.

C) a primeira é uma afirmativa falsa; e a segunda, verdadeira.

D) a primeira é uma afirmativa verdadeira; e a segunda, falsa.

(Silva, R. E. D. Ps da. Questão 1056. Geografia. Banco de Itens da SEEMG. BH: DAVE/SEEMG, 2007)

Tipo 6 – Questão de lacuna:

Na atmosfera primitiva da Terra, predominavam os gases metano, hidrogênio, amoníaco e vapor de água. Admitindo-se a ausência do gás oxigênio nessa época, supõe-se que os primeiros seres vivos eram _____. Após o surgimento dos organismos _____ no ambiente, a atmosfera passou a ter gás oxigênio

livre em sua composição química, permitindo o aparecimento dos seres_____.

Em sequência as palavras que completam corretamente essas lacunas são:

A) aeróbicos, fotossintetizantes, anaeróbicos.

B) aeróbicos, heterótrofos, anaeróbicos.

C) anaeróbicos, fotossintetizantes, aeróbicos.

D) anaeróbicos, fermentadores, aeróbicos.

20 (Santos, J. de A. Questão 1036. Biologia. Banco de Itens da SEEMG. BH: DAVE/SEEMG, 2007)

Tipo 8 - Questão de associação:

Exemplo retirado do guia do governo de Minas:

Associe as duas colunas, relacionando os elementos musicais à sua definição.

1. Escala.

2. Harmonia.

3. Melodia.

4. Ritmo.

- () Conjunto de sons dispostos em ordem simultânea.
- () Conjunto de sons dispostos em ordem sucessiva.
- () Disposição complexa de notas numa seqüência de durações curtas e longas dentro de um ou vários compassos.
- () Progressão de notas em ordem ascendente ou descendente.

A seqüência correta dessa associação é

- A) (1), (2), (3), (4).
- B) (2), (3), (4), (1).
- C) (3), (2), (4), (1).
- D) (4), (2), (1), (3).

(Maximiano, Q, J. do C.Santos, V. M. Questão 608. Arte. Banco de Itens da SEEMG. BH: DAVE/SEEMG, 2007)

Tipo 9 – questão de ordenação ou seriação

Exemplo:

O processo de poluição global é desencadeado por etapas. Com base na indicação dos termos a seguir, preencha os quadros na ordem sequencial em que ocorrem as etapas.

1. Degradação ambiental.
2. Pressão demográfica.
3. Industrialização / expansão urbana.
4. Emissão de poluentes

A seqüência correta em que ocorre o processo é

- A) 1, 2, 3, 4.

B) 3, 2, 4, 1.

C) 1, 3, 4, 2.

D) 4, 3, 2, 1.

(Garabini, P. Questão 35547. Banco de Itens da SEEMG. BH: SPA/SEEMG, 2006.

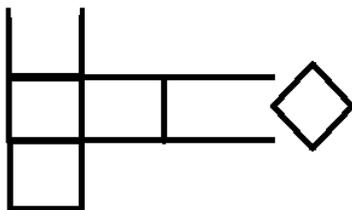
Tipo 10 - Questão de alternativas constantes

Exemplo:

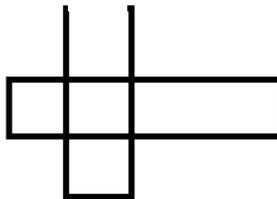


Considere o cubo. As figuras abaixo podem ou não ser planificações desse cubo. Verifique.

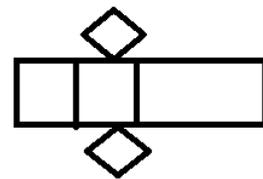
I



II



III



As afirmações I, II e III são, respectivamente,

A) V, F, V. B) F, V, V. C) F, V, F D) F, F, V

(Fernandes, A. V. Questão 31174. Banco de Itens da SEEMG. BH: DAVE/SEEMG, 2006)

Anexo 2 – Textos das provas do 1º ano

1º Bimestre

Bloco 1 – texto 1

Senhor,

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa.

Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos – terra que nos parecia muito extensa.

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d’agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute bastava.

[...]

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo.

E pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que levo como em outra qualquer coisa que de Vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro – o que d’Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

CAMINHA, Pero Vaz de. Disponível em:

<http://www.brasilazul.com.br/cartadeperovazdecaminha.asp>. Acesso em :25 out. 2011.

Fragmento. (P100206RJ_SUP)

Bloco 1 – texto 2

Grande Edgar

Já deve ter acontecido com você.

- Não está se lembrando de mim?

Você não está se lembrando dele. Procura, freneticamente, em todas as fichas armazenadas na memória o rosto dele e o nome correspondente, e não encontra. [...]

Neste ponto, você tem uma escolha. Há três caminhos a seguir.

Um, curto, grosso e sincero.

- Não. [...]

O “não” seco pode até insinuar uma reprimenda à pergunta. Não se faz uma pergunta assim, potencialmente embaraçosa, a ninguém, meu caro. [...] Você deveria ter vergonha. [...] Outro caminho, menos honesto, mas igualmente razoável, é o da dissimulação.

- Não me diga. Você é o... o...

“Não me diga”, no caso, quer dizer “Me diga, me diga”. [...]. Ou você pode dizer algo como:

- Desculpe, deve ser a velhice, mas...

Este também é um apelo à piedade. Significa “não tortura um pobre desmemoriado, diga logo quem você é!”. [...]

E há um terceiro caminho. O menos radical e recomendável. O que leva à tragédia e à ruína. E o que, naturalmente, você escolhe.

- Claro que estou me lembrando de você!

Você não quer magoá-lo, é isso! Há provas estatísticas de que o desejo de não magoar os outros está na origem da maioria dos desastres sociais, mas você não quer que ele pense que passou pela sua vida sem deixar um vestígio sequer. [...] Você ainda arremata:

- Há quanto tempo! [...]

Quem será esse cara meu Deus? Enquanto resgata caixotes com fichas antigas no meio da poeira e das teias de aranha do fundo do cérebro, [...].

Uma tentativa. É um lance arriscado, mas nesses momentos deve-se ser audacioso.

- Cê tem visto alguém da velha turma?

- Só o Pontes.

- Velho Pontes! ([...] Pelo menos agora tem um nome com o qual trabalhar. Uma segunda ficha para localizar no sótão. Pontes, Pontes...) [...]

- Sabe que a Ritinha casou? [...]

- Com quem?

- Acho que você não conheceu. O Bituca. (Você abandonou todos os escrúpulos. [...]) Como que não conhece o Bituca?)

Claro que conheci! Velho Bituca...

- Pois casaram.

É a sua chance. É a saída. Você passou ao ataque.

- E não avisou nada? [...]

- Desculpe, Edgar. É que...

- Não desculpo não. [...] (Edgar. Ele chamou você de Edgar. Você não se chama Edgar. Ele confundiu você com outro. Ele também não tem a mínima ideia de quem você é. O melhor é acabar logo com isso. Aproveitar que ele está na defensiva. Olhar o relógio e fazer cara de “já?!”.)

- Tenho que ir. Olha, foi bom ver você, viu?

- Certo, Edgar. E desculpe, hein? [...]

Ao se afastar, você ainda ouve, satisfeito, ele dizer “Grande Edgar”. Mas jura que é a última vez que fará isso. Na próxima vez que alguém lhe perguntar “Você está me reconhecendo?” não dirá nem não. Sairá correndo.

VERISSIMO, Luis Fernando. Grande Edgar. Disponível em:

http://www.releituras.com/i_artur>Ifverissimo.asp. Acesso em: 26 nov.2011.
(P100229RJ_SUP)

.....

Bloco 1 – texto 3

Da condição e costumes dos índios da terra

A língua deste gentio toda pela Costa He, huma, carece de três letras – não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assi não têm fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente.

Estes índios andão nus sem cobertura alguma, assi macho como femeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu. Vivem todos em aldeãs, póde haver em cada uma sete, oito casas, as quaes são compridas feitas a maneira de cordoarias; e cada huma delas está cheia de uma parte e doutra, e cada hum por si tem sua estância es ua rede armada em

que dorme, e assi estão todos juntos huns dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica hum caminho aberto pêra se servirem. Não há como digo entre eles nenhum Rei, nem justiça, somente em cad aldeã tem um principal que he como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força; morrendo este principal fica seu filho no mesmo lugar; não serve doutra cousa senão de ir com eles á guerra, e aconselha-los como se hão de haver na peleja, mas não castiga seus erros nem manda sobrelles cousa alguma contra sua vontade. Este principal tem três, quatro mulheres, a primeira tem em mais conta, e faz dela mais caso que das outras. Isto tem por estado é por honra, Não adorarão cousa alguma nem têm pêra si que há na outra vida glória pêra os bons, e pena pêra os mãos, tudo cuidadão que se acabana nesta e que as almas fenecem com os corpos, e assi vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida. [...]

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. In: *Tratado da Terra do Brasil*. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em: 18 out.2011. Fragmento reproduzido conforme a linguagem do texto original. (P100212RJ_SUP)

Bloco 2 - texto 1

Um paraíso branco e azul

Enquanto percorriam as ruas de Barreirinhas, cidade do interior do Maranhão, rumo aos Lençóis, a guia turística resolveu dar algumas explicações.

- Vamos para um lugar com dunas gigantes, que chegam a 40 metros de altura – avisou ela – Além de quilômetros de areia branquinha, vocês vão ver piscinas naturais formadas pela água das chuvas nas partes mais baixas. E é por causa dessa imensidão de areia, que do alto parecem grandes lençóis brancos estendidos ao vento, que chamamos essa região de Lençóis Maranhenses. [...]

A caminhonete parou de frente a um rio de águas tranquilas chamado Preguiças. Todos tiveram que descer do carro e esperar a balsa para então atravessarem até o outro lado. Ao subirem de novo na caminhonete, Mércia falou:

- Vocês precisam segurar bem forte porque esse carro vai balançar pra valer!

O veículo fez um percurso pela estrada de areia, em zigue-zague para não atolar.

Subir a primeira duna foi moleza. Enquanto uma perna afundava na areia fininha, a outra já ia pisando mais à frente. Em alguns minutos chegaram lá em cima. Era lindo demais! Realmente parecia um lençol gigante. Todo o cenário só tinha duas cores: branco e azul.

Uma viagem inesquecível! Principalmente porque todos ficaram com as pernas doídas no dia seguinte. Percorrer todo o caminho de volta, subindo e descendo aquelas dunas gigantes não foi fácil, mas tudo valeu a pena.

Nosso Amiguinho, fev. 2011, p. 32-33. (P050885ES_SUP)

Bloco 2 – texto 2

Ao Santíssimo Sacramento

Oh que pão, oh que comida,

Oh que divino manjar

Se nos dá no santo altar

Cada dia.

Filho da Virgem Maria

Que Deus Padre cá mandou

E por nós na cruz passou

Crua morte.

E para que nos conforte

Se deixou no Sacramento

Para dar-nos com aumento

Sua graça. [...]

Quem quiser haver vitória

Do falso contentamento,

Goste deste sacramento

Divinal. [...]

É fonte de todo bem

Da qual quem bem se embebeda

Não tenha medo de queda

Do pecado. [...]

Este manjar aproveita

Para vícios arrancar

E virtudes arraigar
 Nas entranhas. [...]
Quem viu nunca tal comida
Que é o sumo de todo bem,
Ai de nós que nos detém
 Que buscamos! [...]
Dele nasce a fortaleza,
Ele dá perseverança,
Pão da bem-aventurança,
 Pão de glória. [...]
Oh mansíssimo Cordeiro,
Oh menino de Belém,
Oh Jesus todo meu Bem,
 Meu Amor. [...]
Com o sangue que derramasses,
Com a vida que perdesses,
Com a morte que quisesses
 Padecer. [...]
Quando na minha alma entrais
É dela fazeis sacrário,
De vós mesmo é relicário
 Que vos guarda. [...]
Seja minha refeição
E todo o meu apetite,
Seja gracioso convite
 De minha alma. [...]
Pois não vivo sem comer,
Como a vós, em vós vivendo,
 Doce amor,

Comendo de tal penhor,
 Nela tenha minha parte,
 E depois de vós me farte
 Com vos ver.
 Amém.

ANCHIETA, José de. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/janc01.html>. Acesso em: 13 out. 2011. Fragmento. (P100222RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 3

Assalto à geladeira

Durante o dia, eu me comporto bem. Almoço uma salada, no jantar só um peixinho. Seria um magro de fazer inveja se não tivesse o hábito de escrever à noite. Teclo as primeiras linhas logo após o jantar e vou pela noite afora [...] A inspiração só chega na madrugada. [...] Mas o que tem isso a ver com o peso? É simples: lá pelas 2, 3 da manhã, costumo sentir certa fome. Levanto do computador e prometo a mim mesmo:

- Vou comer só uma coisinha.

E desembesto até a geladeira. Vasculho as prateleiras, subitamente assediado por uma fome tirana. Já comi coxinhas e empadinhas geladas, potes de cogumelos em conserva, doce de casca de laranja, queijo e pão com manteiga, além de toda besteira que encontro pela frente. O pior: sem ordem lógica. Sou capaz de devorar bombons de chocolate e, em seguida, as almôndegas que sobraram do jantar! Nem precisaria de garfo, poderia comer com uma pá, tal a voracidade.

Eu me sinto feliz e realizado depois do assalto à geladeira. De madrugada, não importam as regras do regime e da civilidade. Como tudo que encontro! Recentemente, recebi maravilhosos potes de doces mineiros. Escondi num escritório separado de casa. Senão, comeria tudo na madrugada. Um amigo acorda com fome durante a noite.

- Quando tenho um sonho ruim, voo para a geladeira – confessa.

Entre outros recordes, já devorou um pote inteiro de batatinhas temperadas, feitas pela mãe, e uma travessa de lasanha fria. [...]

Esse é o caso. Há duas experiências gustativas de alta satisfação. A primeira é ir a um restaurante, deliciar-se com um cardápio elaborado, apreciar os paladares sutis. A segunda é quando o desejo de comer transforma qualquer porcaria em um banquete das “Mil e Uma Noites”. Garanto: o maior chef de cozinha é capaz de chupar os ossinhos de uma carcaça de frango assado, durante a madrugada. Garçons e maîtres são capazes de, após o expediente, montar um pratinho de arroz com feijão aquecido no micro-ondas. A madrugada é o reinado

das comidas sem grife, das mortadelas, dos sanduíches de requeijão, das misturas improváveis entre doces e salgados, do exagero que é uma delícia.

Uma amiga do twitter, Isabel, é capaz de comer sanduíche de pernil na madrugada. E vamos combinar: as redes sociais incentivam ainda mais os assaltos à geladeira, porque durante a conversa noturna sempre bate uma fominha. Vão acabar criando uma geração de gordos! Há poucas noites comi dois ovos fritos com pão às 4 da manhã!

Na manhã seguinte bate o remorso. Acordo com a cabeça martelando:

- O que fiz, o que fiz!?

Corro para a academia! Haja esteira! Sou incapaz de resistir a um ataque de fome

Noturna. Mas não sou o único! Falando francamente: quem nunca assaltou a geladeira que atire o primeiro osso!

CARRASCO, Walcyr. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2183/assalto-a-geladeira>. Acesso em: 2 nov. 2011. Fragmento. (P100218RJ_SUP)

Bloco 2- texto 4

Em Deus, meu criador

[...] Não há coisa segura.

Tudo quanto se vê se vai passando.

A vida não tem dura.

O bem se vai gastando.

Toda criatura passa voando. [...]

Contente assim minh'alma,

Do doce amor de Deus toda ferida,

O mundo deixa em calma,

Buscando a outra vida,

Na qual deseja ser absorvida. [...]

ANCHIETA, José de. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/1271717>. Acesso em: 23 nov. 2011. (P100218RJ_SUP)

2º Bimestre

Bloco 1 – texto 1



Disponível em: <gostosurasasabores.blogspot.com>. Acesso em: 2 jan. 2012. (P100235RJ_SUP)

Bloco 1 – texto 2

A uma ausência

Sinto-me, sem sentir, todo abrasado
 No rigoroso fogo que me alenta;
 O mal que me consome me sustenta,
 O bem que me entretém me dá cuidado.

Ando sem me mover, falo calado,
 o que mais perto vejo se me ausenta,
 E o que estou sem ver mais me atormenta;
 Alegro-me de ver-me atormentado,

Choro no mesmo ponto em que me rio,
 No mor risco me anima a confiança,
 Do que menos se espera estou mais certo.

Mas, se de confiado desconfio,
É porque, entre os receios da mudança,
Ando perdido em mim como em deserto.

Matos, gregório de. Disponível em: <http://www.colegioweb.com.br/literatura/a-poesia-barroca-htm>. Acesso em: 8 maio 2011. (P100238RJ_SUP)

Bloco 1 – texto 3



ORLANDELI. Disponível em: <http://blogdoorlandeli.zip.net/arch2009-01-04_2009-01-10.html>. Acesso em: 20 jul. 2011. (P110281C2_SUP)

Bloco 1 – texto 4



Disponível em: <<http://www.folhadecontagem.com.br/portal/index.php/destaques/157/1107-volta-das-ferias-ed-588.html>>. Acesso em: 18 jun. 2011. (P100245RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 1

Descrevo que era Realmente Naquele Tempo a Cidade da Bahia

A cada canto um grande conselheiro,
que nos quer governar cabana, e vinha,
não sabem governar sua cozinha,
e podem governar o mundo inteiro.

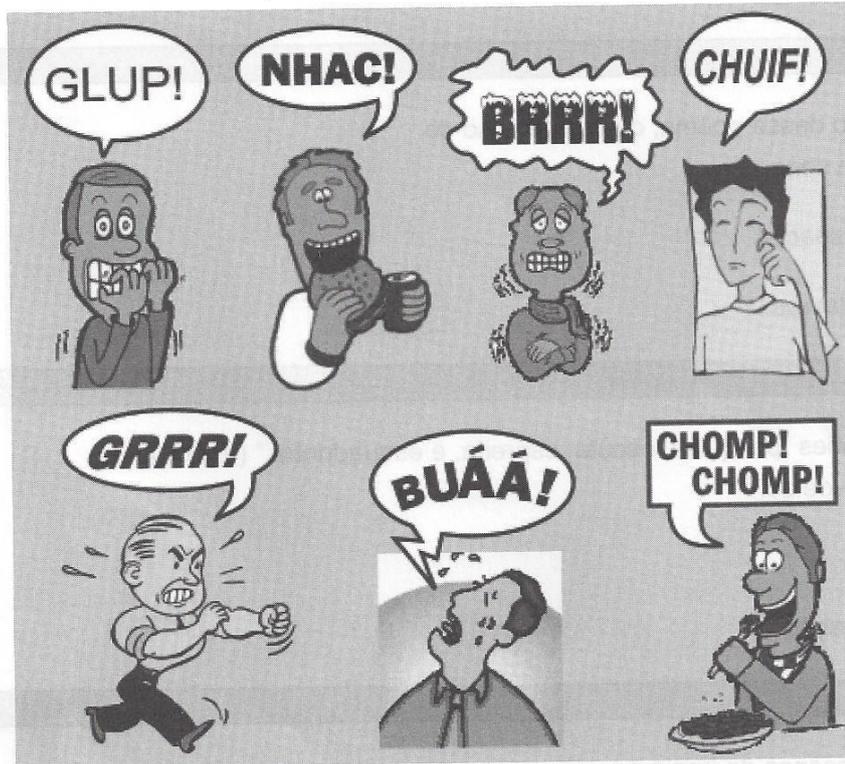
Em cada porta um freqüentado olheiro,
que a vida do vizinho, e da vizinha
pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,
para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
trazidos pelos pés os homens nobres,
posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,
todos, os que não furtam, muito pobres,
e eis aqui a cidade da Bahia.

MATOS, Gregório de. < Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/grego03.html>>.
Acesso em: 12 abr. 2011. (P100247RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 2



Disponível em: <www.divertudo.com.br/quadrinhos/quadrinhos-txt.html>. Acesso em: 17 nov. 2011. (P110344C2_SUP)

Bloco 2 – texto 3

Discreta e formosíssima Maria,
 Enquanto estamos vendo a qualquer hora
 Em tuas faces a rosada Aurora,
 Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

Enquanto com gentil descortesia
 O ar, que fresco Adônis te namora,
 Te espalha a rica trança voadora,
 Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
 Que o tempo trota a toda ligeireza,
 E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes, que a madura idade
 Te converta em flor, essa beleza
 Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

MATOS, Gregório de. < Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/grego03.html>>.
 Acesso em: 12 abr. 2011. (P100252RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 4



Disponível em: <metanoverde.blogspot.commetanoverde.blogspot.com>. Acesso em: 1 fev. 2012. (P100256RJ_SUP)

3º Bimestre

Bloco 1 – texto 1

Lira V

Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
 Que vive de guardar alheio gado;
 Nem sou pastor grosseiro,
 Dos frios gelos e do sol queimado,

Que veste as pardas lãs do seu cordeiro.

Graças, ó Nise bela,

Graças à minha estrela!

A Cresso não igualo no tesouro;

Mas deu-me a sorte com que honrado viva.

Não cinjo coroa d'ouro;

Mas povos mando, e na testa altiva

Verdeja a coroa do sagrado louro.

Graças, ó Nise bela,

graças à minha estrela!

Maldito seja aquele, que só trata

De contar, escondido, a vil riqueza,

Que, cego, se arrebatava

Em buscar nos avós a vã nobreza,

Com que aos mais homens, seus iguais, abata.

Graças, ó Nise bela,

graças à minha estrela! [...]

Pela ninfa, que jaz vertida em louro,

O grande deus Apolo não delira? [...]

Pertendam Anibais honrar a História,

E cinjam com a mão, de sangue cheia,

Os louros da vitória;

Eu revolvo os teus dons na minha ideia:

Só dons que vêm do céu são minha glória.

Graças, ó Nise bela,

graças à minha estrela!

GONZAGA, Tomás Antônio. Disponível em:
<http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/TomasAntonioGonzaga/>. Acesso em: 25 maio 2012. Fragmento. (P100264RJ_SUP)

Bloco 1 – texto 2

Florestas tropicais

As florestas tropicais ocorrem na porção equatorial da zona tórrida, onde a queda de 240 centímetros de chuva por ano se combina com uma temperatura média anual superior a 17 °C para criar as mais produtivas florestas da terra.

Por assimilação clorofilina, uma floresta tropical fixa 10 a 20 toneladas de carbono por hectare, enquanto uma floresta de uma região temperada fixa de 3 a 4 toneladas. Uma floresta tropical fabrica cinco vezes mais açúcares do que uma floresta temperada.

Esse ecossistema florestal é caracterizado pela altura das suas árvores que permite uma estratificação bem utilizada pelos animais que aí vivem e se deslocam segundo os horizontes que lhes são próprios. Esta repartição vertical permite a multiplicação de nichos ecológicos, limitar a concorrência e explorar da melhor maneira possível a energia solar incidente.

É devido aos seus tecidos impregnados de celulose e lenhina que as árvores se podem elevar acima das outras plantas. As árvores maiores de uma floresta livram-se do combate sem tréguas pela luz, sendo as mais fracas relegadas para um segundo estágio ou eliminadas. Gigantesco sistema de transporte em dois sentidos (a seiva eleva-se à velocidade média de 1 a 7 metros por hora) constitui um sistema coletor de matérias-primas.[...]

Todos os anos caem no solo florestal folhas mortas, flores, grãos, bocados de casca, ramos e madeira que alimentam a manta morta e permitem o funcionamento do sistema solo. A queda desta matéria orgânica é em média de 10 a 12 toneladas.

A distribuição da vida animal, estratificada nas florestas tropicais, permite a existência de uma comunidade aérea que inclui aves e morcegos, uma comunidade de estrato médio com aves, morcegos frugívoros, esquilos, macacos, e uma comunidade no solo, que inclui grandes e pequenos mamíferos, répteis e aves. Os seres vivos estão presentes em todos os estratos florestais.

Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$florestas-tropicais](http://www.infopedia.pt/$florestas-tropicais). Acesso em: 12 mar. 2012. (P100271RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 1

Axé (gênero musical)

O Axé é um gênero musical surgido no estado da Bahia na década de 1980 durante as manifestações populares do Carnaval de Salvador, misturando frevo pernambucano, ritmos afro-brasileiros, reggae, merengue, forró, maracatu, calipso e outros ritmos afro-latinos (SYLLOS; MONTANHAUR, 2002).

No entanto, o termo Axé é utilizado erroneamente para designar todos os ritmos de raízes africanas ou o estilo de música de qualquer banda ou artista que provém da Bahia. Sabe-se hoje, que nem toda música baiana é Axé, pois lá há o Samba-reggae, representado principalmente pelo Bloco Afro Olodum, o Samba de Roda, o Ijexá - tocado com variações diversas por bandas percussivas de blocos afro como Filhos de Ghandi, Ilê Aiyê e Muzenza, entre outros -, o Pagode produzidos por algumas bandas e até uma variação de frevo.

A palavra "axé" é uma saudação religiosa usada no candomblé e na umbanda, que significa energia positiva.

Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Discuss%C3%A9_%28g%C3%AAnero_musical%29. Acesso em: 23 abr. 2012. Fragmento. (P100277RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 2

LXII

Torno a ver-vos, ó montes; o destino

Aqui me torna a pôr nestes oiteiros;

Onde um tempo os gabões deixei grosseiros

Pelo traje da Côrte rico, e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,

Os meus fiéis, meus doces companheiros,

Vendo correr os míseros vaqueiros

Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,

Que chega a ter mais preço, e mais valia,

Que da cidade o lisonjeiro encanto;

Aqui descanse a louca fantasia;

E o que té agora se tornava em pranto,

Se converta em afetos de alegria.

Costa, Cláudio Manuel da. Disponível em: <http://www.sonetos.com.br/sonetos.php?n=739>.
Acesso em: 30 abr. 2012.

Bloco2 – texto 3

Chuá, Chuá

Deixa a cidade, formosa morena,
Linda pequena e volta ao sertão
Beber a água da fonte que canta,
Que se levanta no meio do chão.
Se tu nasceste cabrocha cheirosa,
Cheirando a rosa no peito da terra,
Volta pra vida serena da roça,
Daquela palhoça do alto da serra.
E a fonte a cantar chuá, chuá.
E as água a correr chuê, chuê [...]
A lua branda de luz prateada
Faz a jornada no alto dos céus
Como se fosse uma sombra altaneira
Da cachoeira fazendo escarcéus
Quando essa luz lá na altura distante,
Loira ofegante no ponte a cair,
Dá-me essa trova que o pinho desserra,
Que eu volto pra serra que eu quero partir.

[...]

MACHADO, Ary. SÁ, Pedro. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/chitaozinho-e-xororo/1144559/>. Acesso em: 30 abr. 2012. Fragmento.

Bloco 2 – texto 4

Carta 1^a

Em que se descreve a entrada que fez Fanfarrão em Chile.

Amigo Doroteu, prezado amigo,
Abre os olhos, boceja, estende os braços
E limpa, das pestanas carregadas,
O pegajoso humor, que o sono ajunta.
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;
Ergue a cabeça da engomada fronha
Acorda, se ouvir queres coisas raras.
"Que coisas, (tu dirás), que coisas podes
Contar que valham tanto, quanto vale
- Dormir a noite fria em mole cama,
Quando salta a saraiva nos telhados
E quando o sudoeste e outros ventos
Movem dos troncos os frondosos ramos?"
É doce esse descanso, não te nego.
- Também, prezado amigo, também gosto
De estar amadornado, mal ouvindo
Das águas despenhadas brando estrondo,
E vendo, ao mesmo tempo, as vãs quimeras,
Que então me pintam os ligeiros sonhos.
- Mas, Doroteu, não sintas que te acorde;
Não falta tempo em que do sono gozes:
Então verás leões com pés de pato,
Verás voarem tigres e camelos,
Verás parirem homens e nadarem
- Os roliços penedos sobre as ondas.
Porém que têm que ver estes delírios
Co'os sucessos reais, que vou contar-te?
Acorda, Doroteu, acorda, acorda;

Critilo, o teu Critilo é quem te chama.
- Levanta o corpo das macias penas;
Ouvirás, Doroteu, sucessos novos,
Estranhos casos, que jamais pintaram
Na idéia do doente, ou de quem dorme
Agudas febres, desvairados sonhos. [...]

GONZAGA, Tomás Antônio. Disponível em:

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudoTomasAntonioGonzagacartaschilenas.htm>. Acesso em: 25 maio 2012. Fragmento. *Adaptado: Reforma Ortográfica. (P100284RJ_SUP)

Anexo 3 – Textos das provas do 2º ano

1º Bimestre

Bloco 1 – texto 1

Final feliz

Adorei o *Amanhecer*, muito mais que os outros três. O início, confesso que é um pouco parado, mas aos poucos a trama vai ganhando vida e se desenrolando de uma maneira que não conseguia mais deixar de ler. Achei que o final seria bem diferente, mas me surpreendi. Fiquei pensando e cheguei à conclusão que qualquer outro final seria um problema para a população de vampiros (quem leu vai entender). Nada melhor do que um final feliz para personagens tão amados. (Laia)

Bloco 1 – texto 2

Péssimo

Narrativa cansativa, história com desenvoltura lenta e trechos que não acrescentaram importância alguma no decorrer do livro. Considero um herói aquele que tenha conseguido chegar até a metade do livro e um deus aquele que o concluiu. Percebe-se com total clareza o “cansaço” da autora, como se estivesse “empurrando com a barriga” a história, a criatividade de Meyer (que já não era muita) se esgotou.

Crepúsculo foi um bom livro, de todos o melhor, já Amanhecer ... Uma total perda de tempo. A saga foi decaindo, como já era de se esperar por conta da história ser clichê (uma garota idiota e desajeitada que se apaixona pelo bonito misterioso) e sem muito o que inovar. Faltou profundidade nos personagens secundários, muitos até tinham carisma, mas era só isso e nada mais.

Por essas e outras, *The Vampire Diaries* é infinitamente superior, um exemplo: porque não envolve apenas um único enredo, existem outros vinculados e todos com conteúdo e peças que se encaixam. Enfim, é isso aí. (Luh)

Disponível em: www.skoob.com.br/livro/resenhas/18562/mais-gostaram/. Acesso em: 14 out. 2011. (P110249RJ_SUP)

Bloco 1 – texto 3

Piratas do Caribe é um hamburgão de fantasia

No fim do mundo, terceiro filme da trilogia estreia hoje apostando no excesso de efeitos e no talento de Johnny Depp

Se há uma palavra para designar a terceira parte da trilogia Piratas do Caribe, esta palavra é excesso. Piratas do Caribe 3 – No fim do Mundo abusa dos

efeitos visuais, das reviravoltas, traições sem sentido e das lutas. O diretor Gore Verbinski e o produtor Jerry Bruckheimer trabalharam com o excesso da imagem e da ação – e, claro, com um olho fixo na bilheteria.

O filme, que estreia mundialmente hoje – e em 769 salas de cinema só no Brasil -, é todo ele um acúmulo de elementos. Os dois longas anteriores já arrecadaram 1,8 bilhões de dólares – este *No Fim do Mundo* pode bater o recorde do anterior, *O baú da morte*, que amealhou nada menos que US\$ 100 milhões em apenas dois dias de exibição. Ontem, na pré-estreia brasileira, [...] a agitação foi grande. Tinha até espectador vestido de pirata. Um abuso.

Aliás, traje apropriado à poética do excesso da produção. *No fim do Mundo* dura 165 minutos. Vem carregado de enredos, que correm paralelos sobre os trilhos do tema da morte. O roteiro compreende quatro linhas de trama. A primeira é o resgate que os piratas têm de fazer de dois mortos: o do pai do mocinho Will Turner (Orlando Bloom), preso no navio Holandês voador, e o resgate do pirata rebelde Jack Sparrow (Johnny Depp), desgarrado em uma geleira ártica. A segunda linha está na fronteira entre o mundo dos vivos, dos mortos e da imaginação. Há, em terceiro lugar, o amor entre os piratas bonitinhos Will e Elisabeth (Keira Knightley). E trata, por fim, do confronto entre o Mercantilismo, o Romantismo e a Natureza. É a melhor linha do longa-metragem. [...]

Tudo isso leva o espectador que não acompanhou os outros dois episódios a se perder no maremoto de fantasia *No fim do Mundo*. [...] Os efeitos especiais são fenomenais e bonitos, numa sequência que deve durar mais de 20 minutos, com direito a tons cinzentos, movimentos vertiginosos das naves e uma luta tão brutal quanto fantasiosa. No olho de todo esse furacão, Elisabeth e Will encontram tempo para serem casados pelo rival de Sparrow, o capitão Barbossa (Geoffrey Rush). Imagem de *Zeitgeist*: enquanto o casal se beija (numa temperatura altíssima para os padrões Disney), eles decapitam monstros marinhos e empalam oficiais ingleses.

Muita rapidez, muito efeito e muitas histórias compõem *No fim do Mundo*. É um hamburgão de fantasia. É preciso reconhecer que o excesso pega bem neste fim de década de 2000. A audiência contemporânea sente fome de filmes carregados de efeitos e referências. Certamente o público se excede nas calorias do espírito para compensar a dieta magra da vida real.

GIRON, Luis Antônio. Disponível em:

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG77444-7943-216.0PIRATAS+DO+CARIBE+E+UM+HAMBURGAO+DE+FANTASIA.html>. Acesso em: 14 nov. 2011 (P110251RJ_SUP)

Bloco 1 – texto 4

Lembranças de morrer

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,

Que o espírito enlaça à dor vivente,

Não derramem por mim nem uma lágrima

Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro. [...]

Só levo uma saudade - é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas ...
De ti, ó minha mãe! pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos - bem poucos - e que não zombavam
Quando, em noites de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda! [...]

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo ...

Ó minha virgem dos errantes sonhos ,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
Foi poeta - sonhou - e amou na vida.

Sombras do vale, noites da montanha
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegi o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos.
Deixai a lua pratear-me a lousa!

AZEVEDO, Álvares de. Disponível em: <http://www.brasile scola.com/literatura/alvares-de-azevedo.html>. Acesso em: 15 out. 2011. (P110256RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 5

Dom Casmurro

Bento Santiago, um advogado de meia-idade, vive sozinho numa boa casa, em bairro distante do centro do Rio de Janeiro onde é conhecido como Dom Casmurro. Para preencher a vida pacata de viúvo sem filhos, Dom Casmurro resolve contar suas lembranças, isto é , atar as duas pontas da vida, a adolescência e a maturidade. Adolescente, Bentinho descobre-se apaixonado pela menina da casa ao lado, Capitu. Inteligente, com ideias atrevidas, Capitu convence Bentinho a não concordar com o projeto de sua mãe, Dona Glória, senhora viúva e rica, que queria fazê-lo padre. Bentinho tanto se encanta pela firmeza de Capitu quanto fica fascinado por seus cabelos, pelos olhos de ressaca e começa a conhecer as regras do amar.

A vida toma o rumo que desejam os apaixonados: depois do seminário, do curso de Direito em São Paulo, casam-se. A vida corre feliz até o dia em que brota

o ciúme, de tudo e de todos. A história de amor transforma-se numa história de suspeita de traição. O ciúme faz de Bento Santiago um homem cruel e perverso. Mordido pela dúvida de que o pequeno Ezequiel não seja seu filho, mas de seu amigo Escobar, com quem aparenta visível semelhança, impõe a separação à Capitu. Para todos os efeitos, o bacharel rico enviava o filho, acompanhado da mãe para estudar na Suíça. Nunca mais Bentinho encontrou Capitu, que morre na Europa. Só revê o filho uma vez, antes de o rapaz morrer de tifo, numa viagem científica a Jerusalém.

Disponível em: <http://vestibular.uol.com.br/resumos-de-livros/dom-casmurro.jhtm>. Acesso em: 14 out. 2011. Adaptado: Reforma Ortográfica. (P110258RJ_SUP)

Bloco 2- texto 1

Crítica: A Invenção de Hugo Cabret

O novo filme do consagradíssimo cineasta Martin Scorsese finalmente estreou no Brasil no último dia 17.02, quase três meses depois do seu lançamento oficial nos Estados Unidos. O longa, indicado nada menos que a onze óscares, incluindo melhor filme, diretor e roteiro adaptado (pois se trata de uma adaptação do romance “Hugo”, de Brian Selznick), conta a história deste personagem (Asa Butterfield), um garoto de 12 anos, órfão de mãe e posteriormente de pai,[...] Para não ser encaminhado a um orfanato, vai morar com o seu tio em uma estação de trem, e lá aprende o ofício da relojoaria. É neste lugar também que o garoto vive suas aventuras, principalmente fugindo do inspetor da estação, interpretado por Sacha Baron Cohen, responsável pela parte cômica da produção.

De imediato, é perceptível que o filme se propõe a discutir os paradoxos da vida. Embora cercado de gente por todo o lado, Hugo se mostra o tempo inteiro um jovem solitário, carente, triste, na expectativa de que as saudades sentidas pelos seus entes queridos não o façam sofrer durante o resto da vida. Por isso, para amenizar sua dor, passa boa parte do seu tempo buscando consertar o autômato deixado pelo seu pai, na tentativa de assim tê-lo sempre ao seu lado. Curiosamente, o que lhe falta é uma chave na forma de um coração, que dará corda a este grande boneco de metal.[...]

A direção de Scorsese é primorosa, e a trilha sonora é um espetáculo à parte. Tais elementos somados a ótimas interpretações fizeram que algumas cenas sem falas, recurso muito utilizado no início da produção, dissessem muito mais que se fossem dialogadas. Entretanto, há alguns pontos não muito positivos, principalmente quanto a uma certa repetição temática de cenas, fato que deixa o filme um tanto cansativo em alguns momentos.[...]

Em suma, é um belo filme, que conta uma história emocionante, realmente digno de concorrer às premiações, mas que está longe de agradar a qualquer tipo de público. Para aqueles que gostam de um drama que trabalha conceitos como amizade, altruísmo, esperança, superação, realmente é um prato cheio. Se não, escolha outro filme para assistir no cinema. No meu caso, penso que “A Invenção de Hugo Cabret” seria perfeito para ver em casa, numa tarde chuvosa, debaixo de uma manta bem gostosa, tomando um saboroso chocolate quente. Acho que

combina mais que com um balde de pipoca, refrigerante gelado grande e poltrona não reclinada.

Disponível em: www.recantodasletras.com.br/resenhasdefilmes/. Acesso em: 29 jun. 2011.
Fragmento. (P110265RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 2

Travessia

Quando você foi embora fez-se noite em meu viver
 Forte eu sou mas não tem jeito, hoje eu tenho que chorar
 Minha casa não é minha, e nem é meu este lugar
 Estou só e não resisto, muito tenho prá falar
 Solto a voz nas estradas, já não quero parar
 Meu caminho é de pedras, como posso sonhar
 Sonho feito de brisa, vento vem terminar
 Vou fechar o meu canto, vou querer me matar [...]

NASCIMENTO, Milton. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/milton-nascimento/47456/>.
Acesso em: 15 mar. 2012.

Bloco 2 – texto 3

Pálida à luz

Pálida à luz da lâmpada sombria,
 Sobre o leito de flores reclinada,
 Como a lua por noite embalsamada,
 Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
 Pela maré das águas embalada!
 Era um anjo entre nuvens d'alvorada
 Que em sonhos se banhava e se esquecia!

[...]Não te rias de mim, meu anjo lindo!

Por ti - as noites eu velei chorando,

Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

ALVES, Castro. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/avz6.html#palidaaluz>. Acesso em: 15 mar. 2012.

Bloco 2 – texto 4

Quarto de despejo

Ela não veio de nenhuma Universidade importante, não era amiga de grandes editores e muito menos teve estrutura para continuar sua carreira literária. Talvez por uma dessas injustiças a escritora Carolina Maria de Jesus, residente na favela do Canindé, rua A, barraco nº 9, talvez não seja agraciada como uma escritora de clássicos, mas uma coisa é certa: Quarto de Despejo, seu primeiro livro, é a coisa mais impressionante que já li, por isso é sobre ele que vamos falar.

Tenho um exemplar datado de agosto de 1960, e é o meu xodó, porque é um dos pouquíssimos livros feitos por quem viveu realmente o que escreveu. O subtítulo é Diário de uma favelada e realmente é um diário. Retrata a vida de Carolina como catadora de papelão, que não a impediu de pegar na caneta e escrever inúmeros cadernos, que mais tarde seriam condensados no livro, traduzido em mais de 40 países e escolhido como tema de dezenas de documentos em todo o mundo.

O livro retrata a vida de Carolina de 15/07/1955 a 1º/01/1960, e nele aprendemos como á viver realmente na dificuldade de não saber o que virá no dia seguinte, em que a única certeza é que a fome continuará a pegar seus filhos.[...]

Caderno Mais. *Folha de S. Paulo*, 20 mar. 2005. Fragmento. (P110268RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 5

O Alienista – Machado de Assis

A história, que se passa no séc. XIX, retrata a burguesia hipócrita da época, o autor se vale do personagem magnífico – Dr. Simão Bacamarte – médico que irá desenvolver suas teorias a respeito do tratamento da loucura, conhecimento adquirido em sua estadia na Europa.

A ironia de Machado de Assis é notória nesta novela, quando mostra a hipocrisia do ser humano que só pensa em seu próprio prestígio.

Dr. Simão Bacamarte, casado com apática senhora, consegue da Câmara de Vereadores de Itaguaí verba para fundar a “Casa de Orates”, ou “Casa Verde”, um hospício onde o sinistro e empertigado médico resolve estudar os limites entre a razão e a loucura, convencendo as autoridades e a população de que estudar este mal era tendência na Europa. Fica então a cidade à revelia deste homem que resolve, por sua conta e risco, julgar quais eram os loucos da cidade e quais os sãos.

Vai internando, um a um, os verdadeiramente doentes que até então eram tratados e cuidados em casa pelos familiares. Aos poucos Simão Bacamarte, num surto surpreendente, resolve que os honestos e os justos eram também loucos. Chega ao ponto de internar quase toda a cidade. Na medida em que vai analisando suas teorias, vai alterando o tratamento dispensado aos pacientes.

Mas a cidade já está desconfiada do médico insano, assim, a reação não tarda e uma revolução armada irá contestar o médico que, acuado, toma resolução inusitada, surpreendente.

Em *O Alienista*, o leitor se diverte, ri a valer, mas perceberá a irônica crítica de Machado de Assis à sociedade burguesa daquela época. Um livro gostoso de ler, uma surpresa a cada página, personagens atípicos e crédulos da suposta superioridade europeia na medicina da loucura. Tremenda crítica à sociedade que o autor nunca perdia oportunidade de mostrar patética e hipócrita. [...]

Disponível em: <http://www.lendo.org/o-alienista-machado-de-assis/>. Acesso em: 15 mar. 2012. Fragmento. (P110270RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 6

Iracema

A obra conta a história de amor vivida por Martim, um português, e Iracema, uma índia tabajara. Eles se apaixonaram quase que à primeira vista. Devido à diferença étnica, por Iracema ser filha do pajé e por Irapuã gostar dela, a única solução para ficarem juntos, é a fuga. Ajudados por Poti, Iracema e Martim fogem do campo dos tabajaras, e passam a morar na tribo de Poti (Pitiguara). Isso faz com que Iracema sofra, mas seu amor por Martim é tão mais forte que logo ela se acostuma ou pelo menos não deixa transparecer. A fuga de Iracema faz com que uma nova batalha seja travada entre os tabajaras e os potiguaras, pois Irapuã quer se vingar de Martim, que “roubou” Iracema, mas Martim é amigo de Poti, índio potiguara, que irá protegê-lo.

Além disso, a tribo tabajara alia-se com os franceses que lutam contra os portugueses, que são aliados dos potiguaras, pela posse do território brasileiro. Com o passar do tempo, Martim começa sentir falta das pessoas que deixou em sua pátria, e acaba distanciando-se de Iracema. Esta, por sua vez, já grávida, sofre muito percebendo a tristeza do amado. Sabendo que é o motivo da tristeza de Martim, ela resolve morrer depois que der a luz ao filho. Sabendo da ausência de Martim, Caubí, irmão de Iracema, vai visita-la e diz que já a perdoou por ter fugido e dado as costas à sua tribo. [...]

Conta que Araquém, pai de Iracema, está muito velho e mal de saúde, devido à fuga de Iracema. Justo no período em que Martim não está na aldeia, Iracema dá luz ao filho, ao qual dá o nome de Moacir. Sofrendo muito, não se alimentando e por ter dado à luz recentemente, Iracema não suporta mais viver e acaba morrendo logo após entregar o filho a Martim. Iracema é enterrada ao pé de um coqueiro, na borda de um rio, o qual mais tarde seria batizado de Ceará, e que daria também nome à região banhada por este rio.

Disponível em: <http://www.resumosdelivros.com.br/j/jose-alencar/iracema/>. Acesso em: 15 mar. 2012. Adaptado. Fragmento. (P110273RJ_SUP)

2º Bimestre

Bloco 1 – texto 1

Dom Casmurro

Capitu estava ao pé do muro fronteiro, voltada para ele, riscando com um prego. O rumor da porta fê-la olhar para trás; ao dar comigo, encostou-se ao muro, como se quisesse esconder alguma cousa. Caminhei para ela; naturalmente levava o gesto mudado, porque ela veio a mim, e perguntou-me inquieta:

- Que é que você tem?
- Eu? Nada.
- Nada, não; você tem alguma cousa.

Quis insistir que nada, mas não achei língua. Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora. Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor, não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos. [...]

Capitu era Capitu, isto é, uma criatura muito particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. [...] Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio, onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lho ensinasse. [...]

ASSIS, Machado de. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link>. Acesso em: 8 fev. 2011. Fragmento.

Bloco 1 – texto2

O sedentarismo e a saúde da população

O sedentarismo, a partir de 1992, foi reconhecido como fator primário para a morbidade e para a mortalidade populacional decorrente de doenças cardiovasculares.

Um dos principais desafios para a saúde pública é o combate ao sedentarismo, já que a sociedade atual está acostumada a facilidades e, para realizar as atividades do dia a dia, se requer o mínimo de esforço físico, diminuindo muito o gasto energético e contribuindo para a obesidade.

Na sociedade moderna, o sedentarismo é combatido com prioridade e a ideia de mudança de estilo de vida sedentário para um estilo de vida mais ativo vem sendo embutido a cada dia. Adotar uma prática moderada de exercícios físicos como, por exemplo, 30 minutos de caminhada por cinco dias na semana representa um menor risco de doenças cardiovasculares, diabetes e entre outros. Com o alto impacto na saúde pública em 2002, a OMS (Organização Mundial de Saúde) declarou que seria o ano de combate ao sedentarismo e, com isso, foram veiculadas, a nível mundial, campanhas com incentivo à prática de atividade física.

Como a expectativa de vida tem aumentado significativamente, e para e para ter qualidade de vida e saúde, são essenciais práticas mais saudáveis e isso deve tornar-se habitual. Com uma prática saudável de exercícios se diminui o risco de aterosclerose (angina, infarto do miocárdio, doença vascular cerebral), ajuda no controle da obesidade, da hipertensão arterial, do diabetes, da osteoporose, das dislipidemias e diminui o risco de afecções osteomusculares e de alguns tipos de câncer (colo e mama). Também auxilia no controle da ansiedade, depressão, da doença pulmonar obstrutiva crônica, da asma e diversas doenças crônicas não transmissíveis, além de proporcionar melhor autoestima e ajuda no bem-estar e socialização do cidadão.

ARAUJO, D. S. M. S.; ARAUJO, C. G. S. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922000000500005>. Acesso em: 17 mar. 2011.

Bloco 2 – texto 1

Uma tragédia no Amazonas

Algumas léguas ao sul do Monte Puracê, emanam do solo as águas do Iapurá, que, de campina em campina, de bosque em bosque, passam o Equador e entram no grande Império americano, para aí, espumando, confundir-se com as ondas do soberano dos rios, o Amazonas. O viajante que subir a sua margem esquerda encontrará a modesta povoação de S. João do Príncipe, e se continuar a subir, ver-se-á logo em uma espaçosa várzea matizada de transparente verdura, que, de um lado, se estende a perder de vista, de outro, metamorfoseia-se em floresta, correndo por entre o Iapurá e montanhas tapetadas de um esverdeado sombrio, que corcoveando qual monstruosos golfinhos vão ao longe desmaiar em azul o seu colorido suave. O povoado e essa extensa planície comunicam-se por uma estreita picada.

É um desses caminhos de poesia selvática que se insinuem sob as abóbadas do arvoredado, parecendo destinados somente ao encanto do olhar.

A sua direita ostenta-se com toda a opulência, a mata virgem do Brasil, enredada de cipós que descrevem as mais caprichosas curvas, entre os idosos

troncos guirlandados de parasitas, onde mil macaquinhos ligeiros soltam inquietos gritos, suspensos pela cauda, ou voando de ramo em ramo.

POMPÉIA, Raul. Disponível em: http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/Uma_Tragedia_no_Amazonas.htm. Acesso em: 8 mar. 2011.

Bloco 2 – texto 3

Amazônia pode virar cerrado devido ao aquecimento global

O WWF-Brasil alerta para as graves consequências do aquecimento global e do desmatamento sobre a Amazônia. De acordo com uma revisão de artigos científicos sobre o assunto, as mudanças climáticas poderiam transformar a maior parte da floresta Amazônica em Cerrado, resultando em enormes impactos sobre a biodiversidade e o clima do planeta.

[...] As mudanças climáticas se apresentam como uma nova e considerável ameaça para a floresta Amazônica e sua biodiversidade. Esses ecossistemas possuem uma grande proporção da biodiversidade mundial: 12% de todas as plantas conhecidas são encontradas na região. Portanto, ameaças a ela representam ameaças à biodiversidade como um todo", afirma Denise Hamú, [...].

O mundo precisa urgentemente avaliar os riscos e as vulnerabilidades da biodiversidade perante as mudanças climáticas e integrá-las nos seus esforços de conservação" alerta Denise.

[...] Sem medidas efetivas, o aquecimento global e o desmatamento, segundo uma pesquisa do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), poderia converter entre 30% e 60% da floresta Amazônica em Cerrado até 2050.

Estamos correndo sérios riscos de perder boa parte da maior floresta tropical do mundo, pois, com um aquecimento de alguns graus, o processo de desertificação será irreversível", afirma Carlos Nobre, cientista do INPE e Presidente do Programa Internacional de Geosfera e Biosfera (IGBP - International Geosphere-Biosphere Program).

Disponível em: <http://ecoviagem.uol.com.br/fique-por-dentro/artigos/meio-ambiente/amazonia-pode- virar-cerrado-devido-ao-aquecimento-global-1346.asp>. Acesso em: 8 mar. 2011.

Bloco 2 – texto 3

Por que existem gêmeos idênticos e gêmeos diferentes?

[...] A explicação começa, mais ou menos, nove meses antes do nascimento, para ser mais claro, na fecundação. Pela natureza, os seres humanos começam a se formar quando um óvulo -- célula especializada em reprodução só encontrada nas mulheres -- é fertilizado por um espermatozoide -- outra célula especializada em reprodução encontrada apenas nos homens.

Cada uma dessas células especializadas em reprodução, assim como qualquer outra célula do nosso corpo, traz uma receita chamada DNA. Apesar dessas receitas serem completas, são necessárias duas versões combinadas (a do óvulo e a do espermatozoide) para que uma nova célula tenha origem, se multiplique e forme um novo indivíduo. Logo, esse novo ser terá características da mãe, pelo óvulo, e do pai, pelo espermatozoide.

Mas e os gêmeos? -- alguém deve estar perguntando. Muito bem, vamos entender! Nem sempre o corpo da mulher libera apenas um óvulo para ser fertilizado. Às vezes, ele libera dois óvulos. Aí, um espermatozoide acaba por fecundar um óvulo enquanto um outro espermatozoide fecunda o outro óvulo. Resultado: em vez de formar uma nova célula para se multiplicar e dar origem a um único bebê, duas novas células diferentes se formam, originando dois seres diferentes entre si, porque dois óvulos diferentes foram fertilizados por dois espermatozoides distintos.

Com os gêmeos idênticos, a história é outra! Na maior parte das vezes, a mulher libera mesmo um único óvulo por vez e ele é fecundado por um único espermatozoide. Quando essa célula com as duas versões da receita (uma do óvulo e outra do espermatozoide), está pronta, ela começa a se multiplicar e forma um aglomerado de células que, por um evento raro, pode se separar em dois grupos diferentes que continuarão a se multiplicar. E, desses dois grupos de células, resultam dois novos seres que serão idênticos, porque se desenvolveram a partir de um mesmo par de receitas, ou melhor, de um único óvulo fecundado por um único espermatozoide. Seres que têm a mesma receita, isto é, o mesmo DNA, são considerados idênticos. E, na natureza, isso ocorre no caso de gêmeos que tiveram como origem as mesmas células reprodutivas. Mas pergunte a qualquer mãe ou pai de gêmeos idênticos se eles não conseguem diferenciar bem os seus filhos, não só fisicamente, mas também pelo comportamento. Essas diferenças existem por que nem todas as nossas características estão nas receitas de nossas células. Há também as influências do meio em que vivemos.

SILVEIRA, Rodrigo Venturoso Mendes da. *Por que existem gêmeos diferentes?* Centro de Estudos do Genoma Humano, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. CHC. Ed. 121.

3º Bimestre

Bloco1 – texto 1

Profissão de fé

Invejo o ourives quando escrevo:

Imito o amor

Com que ele, em ouro, o alto relevo

Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara

A pedra firo:

O alvo cristal, a pedra rara,

O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,

Sobre o papel

A pena, como em prata firme

Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,

A ideia veste:

Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem

Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima

A frase; e, enfim,

No verso de ouro engasta a rima,

Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,

Dobrada ao jeito

Do ourives, saia da oficina

Sem um defeito: [...]

Assim procedo. Minha pena

Segue esta norma,

Por te servir, Deusa serena,

Serena Forma![...]

Caia eu também, sem esperança,

Porém tranquilo,

Inda, ao cair, vibrando a lança,

Em prol do Estilo!

BILAC, Olavo. Disponível em:

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/OlavoBilac/profissãodefe.htm>. Acesso em: 22 out. 2011. Fragmento.

Bloco 1 – texto 2

XXIV. Canção

Quando os teus olhos, senhora,

Repoisam no meu olhar,

Fica mais formosa a aurora,

Mais formoso fica o luar.

Quando em teus olhos reluz

O carinho de uma prece,

Se é dia, o sol tem mais luz,

Se é noite, logo amanhece

Quando sorrir-me eu te vejo

Com teu sorriso sem par,

A ave santa do meu beijo

Vai adejando pelo ar.

Vai adejando, e conduz

O seu voo, semilouca,

Para o ninho todo em luz

Que existe na tua boca...

GUIMARAENS, Alphonsus. Disponível em: <http://www.literaturaemfoco.com/?p=451>. Acesso em: 23 ago. 2011. *Adaptado: Reforma Ortográfica.

Bloco 1 – texto 3

Eduardo e Mônica

[...]Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar.
O Eduardo sugeriu uma lanchonete
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard.
Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de camelo
O Eduardo achou estranho e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo.
Eduardo e Mônica eram nada parecidos -
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis.
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês.[...]
Ela falava coisas sobre o Planalto Central,
Também magia e meditação.
E o Eduardo ainda estava
No esquema "escola-cinema-clubetelevisão".

E, mesmo com tudo diferente,
Veio mesmo, de repente,
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia,
Como tinha de ser... [...]
Construíram uma casa uns dois anos atrás,
Mais ou menos quando os gêmeos vieram -
Batalharam grana e seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram.

Eduardo e Mônica voltaram p'rá Brasília
 E a nossa amizade dá saudade no verão.
 Só que nessas férias não vão viajar
 Porque o filhinho do Eduardo
 Tá de recuperação. [...]

RUSSO, Renato. Eduardo e Mônica. *Dois*. EMI Music, 1986. Disponível em:
<http://www.legiaourbana.com.br/discografia>. Acesso em: 18 set. 2011. Fragmento.

Bloco 2 – texto 1

Ciclo

Manhã. Sangue em delírio, verde gomo,
 Promessa ardente, berço e liminar:
 A árvore pulsa, no primeiro assomo
 Da vida, inchando a seiva ao sol... Sonhar!

Dia. A flor – o noivado e o beijo, como
 Em perfumes um tálamo e um altar:
 A árvore abre-se em riso, espera o pomo,
 E canta à voz dos pássaros... Amar!

Tarde. Messe e esplendor, glória e tributo;
 A árvore maternal levanta o fruto,
 A hóstia da ideia em perfeição... Pensar!

Noite. Oh! Saudade!... A dolorosa rama
 Da árvore aflita pelo chão derrama
 As folhas, como lágrimas... Lembrar!

BILAC, Olavo. Disponível em: <http://revista.agulha.nom.br/bilac1.html#ciclo>. Acesso em; 23
 ago. 2011.

Bloco 2 – texto 2

Siderações

Para as Estrelas de cristais gelados
 As ânsias e os desejos vão subindo,
 Galgando azuis e siderais noivados
 De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Num cortejo de cânticos alados
 Os arcanjos, as cítaras ferindo,
 Passam, das vestes nos troféus prateados,
 As asas de ouro finamente abrindo...

Dos etéreos turbulos de neve
 Claro incenso aromal, límpido e leve,
 Ondas nevoentas de Visões levanta...

E as ânsias e os desejos infinitos
 Vão com os arcanjos formulando ritos
 Da Eternidade que nos Astros canta...

SOUZA, João da Cruz, *Poesia Completa*. Zahidé Muzart (org) Fund. Catarinense de Cultura/Fund. Banco do Brasil, 1993.

 Bloco 2 – texto 3

Tocando em frente

Ando devagar, Porque já tive pressa
 E levo esse sorriso Porque já chorei demais
 Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe
 Eu Só levo a certeza de que muito pouco sei, eu nada sei
 Conhecer as manhas e as manhãs
 O sabor das massas e das maçãs

É preciso amor Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir
Penso que cumprir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro Levando a boiada
Eu vou tocando os dias Pela longa estrada, eu vou
De estrada eu sou

SATER, Almir. Disponível em: <http://letras.mus.br/ze-ramalho/1378409/>. Acesso em: 25 mar. 2011.

Bloco2 – texto4

Amigo é pra essas coisas

- Salve!
- Como é que vai?
- Amigo, há quanto tempo!
- Um ano ou mais...
- Posso sentar um pouco?
- Faça o favor
- A vida é um dilema
- Nem sempre vale a pena...
- Ah!... [...]
- Mas não foi bom pra mim
- Todo amor um dia chega ao fim
- Triste
- É sempre assim [...]
- Você está mais velho
- É
- Vida ruim
- Você está bem disposto

- Também sofri
- Mas não se vê no rosto
- Pode ser...
- Você foi mais feliz [...]
- Adeus
- Muito obrigado, amigo
- Não tem de quê
- Por você ter me ouvido
- Amigo é prá essas coisas
- Tá...
- Tome um cabral
- Sua amizade basta
- Pode faltar
- O apreço não tem preço, eu vivo ao Deus dará

BUARQUE, Chico. Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/522046/>. Acesso em: 25 maio 2011. Fragmento.

Anexo 4 – Textos das provas do 3º ano

1º Bimestre

Bloco 1 – texto 1

Movimento Antropofágico

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question. [...]

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós. [...]

Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba. [...]

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons

sentimentos portugueses.[...] Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: – É mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.[...]

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade. [...]

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas. [...]

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

ANDRADE, Oswald. Disponível em: <http://www.lumiart.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html>. Acesso em: 10 nov. 2012. Fragmento.

Bloco 1 – texto 2

Manifesto Nhegaçu Verde-Amarelo

Convidamos a nossa geração a produzir sem discutir. Bem ou mal, mas prodizir. Há sete anos que a literatura brasileira está em discussão. Procuremos escrever sem espírito preconcebido, não por mera experiência de estilos, ou para veicular teorias, sejam elas quais forem, mas com o único intuito de nos revelarmos, livres de todos os prejuízos. [...]

O grupo “verdamaré”, cuja regra é a liberdade plena de cada um ser brasileiro como quiser e puder; cuja condição é cada um interpretar o seu país e o seu povo através de si mesmo, da própria determinação instintiva; - o grupo “verdamaré”, à tirania das sistematizações ideológicas, responde com a sua alforria e a amplitude sem obstáculo de sua ação brasileira. Nosso nacionalismo é de afirmação, de colaboração coletiva, de igualdade dos povos e das raças, de liberdade do pensamento, de crença na predestinação do Brasil na humanidade, de fé em nosso valor de construção nacional.

Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil, como o fez, através de quatro séculos, a alma da nossa gente, através de todas as expressões históricas.

Nosso nacionalismo é “verdamaré” e tupi.

O objetivismo das instituições e o subjetivismo da gente sob a atuação dos fatores geográfico e histórico.

Disponível em: <http://www.artes.com/sys/artista.php?op=manif&artid=19>. Acesso em: 10 dez. 2011. Fragmento.

Bloco 2 – texto 1

Mudança

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. [...]

A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas.

O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos. [...]

Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 45. Ed. São Paulo: Record, 1985. Fragmento.

Bloco 2 – texto 2

O castigo da seca

Passou o mês de janeiro

E não choveu no sertão

Já é sinal que a seca

Chegou a tomar posição

É o começo do fim

É muita gente sem pão

É raio de sol ardendo

Queimando a face do chão

Aonde o sol faz morada

A chuva não pode entrar

Somente a seca malvada

Reside ali no lugar

Sei que é sofrimento

Sei que é padecer

Vê o açude sem água

E a plantação se perder

O resto você já sabe

Não é preciso dizer

LOBO, Ary. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/ary-lobo/1577527/>. Acesso em: 12 out.

2011

Bloco 2 – texto 3

Vício de fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

ANDRADE, Oswald de. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/oswal.html#vicio>. Acesso em: 15 out. 2011. (P120317RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 4



Bloco 2 – texto 5

Capítulo VI

Quando Carlos nasceu batizaram-no, pois não. As meninas iam às missas de domingo, se era manhã de sol, o passeio até fazia bem... Com nove anos mais ou menos recebiam a primeira comunhão. Dona Laura mandava lhes ensinar o catecismo por uma parenta pobre, muito religiosa, coitada! Catequista em Santa Cecília. Dona Laura usava uma cruz de brilhantes que o marido dera pra ela no

primeiro aniversário de casamento. Era uma família católica. Nas festas principais da casa vinha monsenhor. Carlos abaixou o rosto, brincando com a página:

- Não sei... papai quer que eu estude direito...
- E você gosta de direito?
- Não gosto nem desgosto, mas pra quê? Ele já falou uma vez que quando eu fizer vinte e um anos me dá uma fazenda pra mim... Então pra que direito!

- Quantos anos você tem?
- ... fazer dezesseis.
- Ich bin sechzehn lahre alt.

Carlos repetiu encabulado.

- Não. Pronuncie melhor. Não abra assim as vogais. É sechzehn.
- Sechzehn.
- Isso. Repita agora a frase inteira.
- Em inglês eu sei bem! I'm sixteen years old!

Fräulein escondeu o movimento de impaciência. Não conseguia prender a atenção do menino. O inglês e o francês eram familiares já pra ele. Principalmente o inglês de que tinha aulas diárias desde nove anos. Mas alemão... já cinco lições e não decorara uma palavrinha só, burrice? Nesta aula que acabava Fräulen já fora obrigada a repetir três vezes que irmã er schwester. Carlos aluado. As palavras alemãs lhe fugiam da memória, assustadiças, num tilintar de consoantes agrupadas. Pra salvar a vaidade respondia em inglês. Machucava a professora, lhe dando uns ciúmes inconscientes. Porém Fräulen se esconde num sorriso:

- Não faça assim. Ich bin sechzehn lahre atl, repita. Só mais uma vez. Carlos repetiu molemente. A hora acabava. Se livrar daquela biblioteca!... [...]

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. 16. Ed. Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Reunidas, 1995. Fragmento. (P120320RJ_SUP)

Bloco 2 – texto 6

DISQUE SAÚDE
136
Ouvidoria Geral do SUS
www.saude.gov.br

PROGRAMA
SAÚDE NA
ESCOLA

*Saúde a gente também
aprende na escola.
Lave as mãos com água
e sabão, sempre.*

Lavar as mãos com água e sabão tem de ser um hábito de todas as horas. Antes de comer, depois de ir ao banheiro, depois de brincar e sempre que você se lembrar. Mãos limpas significam muito mais saúde pra você.

Mãos à obra:

1. Molhe as mãos com água e aplique o sabonete.
2. Ensaboe as mãos, esfregando uma na outra.
3. Esfregue a palma de uma mão nas costas da outra, entrelaçando os dedos. E vice-versa.
4. Entrelace as mãos e esfregue bem os espaços entre os dedos.
5. Enxágue bem as mãos com água.
5. Seque as mãos com papel toalha. E utilize-o para fechar a torneira.

14 de outubro
Dia Mundial de
Lavar as Mãos

NÃO SE ESQUEÇA DE FECHAR A TORNEIRA ENQUANTO ENSABOA AS MÃOS.
O MEIO AMBIENTE AGRADECE.

Organização Pan-Americana da Saúde
SAÚDE
MÁS FEITOS DE BOM

SUS

Ministério da Educação
Ministério da Saúde

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Disponível em: <<http://www.portal.saude.gov.br/>>. Acesso em: 30 set. 2011. (P120324RJ_SUP)

2º Bimestre

Bloco 1 – texto 1

História natural

Meu filho agora

Ainda não completou três anos.

O rosto dele é bonito e os seus olhos repõem

Muita coisa da mãe dele e um pouco

De minha mãe.

Sem alfabeto o sangue relata

As formas de relatar: a carne desdobra a carne

Mas penso:

Que memória me pensará?

Vejo meu filho respirando e absurdamente

Imagino

Como será a América Latina no futuro.

CACASO. Disponível em:

http://www.letraselivros.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=806.

Acesso em: 12 dez. 2011.

Bloco1 – texto 2

Canção do dia de sempre

Tão bom viver dia a dia...

A vida assim, jamais cansa...

Viver tão só de momentos

Como estas nuvens no céu...

E só ganhar, toda a vida,

Inexperiência... esperança...

E a rosa louca dos ventos

Preso à copa do chapéu.

Nunca dê um nome a um rio:

Sempre é outro rio a passar.

Nada jamais continua,
Tudo vai recomeçar!

E sem nenhuma lembrança
Das outras vezes perdidas,
Atiro a rosa do sonho
Nas tuas mãos distraídas...

QUINTANA, Mário. Disponível em: http://pensador.uol.com.br/cancao_do_dia_de_sempre/. Acesso em: 12 dez. 2011.

Bloco 1 – texto 3

O medo do amor

Medo de amar? Parece absurdo, com tantos outros medos que temos que enfrentar: medo da violência, medo da inadimplência, e a não menos temida solidão, que é o que nos faz buscar relacionamentos. Mas absurdo ou não, o medo de amar se instala entre as nossas vértebras e a gente sabe por quê.

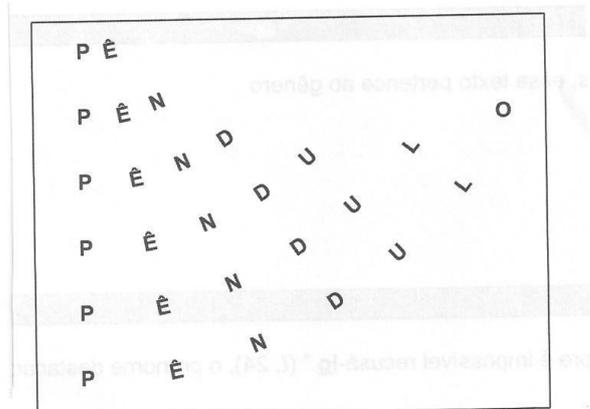
O amor, tão nobre, tão denso, tão intenso, acaba. Rasga a gente por dentro, faz um corte profundo que vai do peito até a virilha, o amor se encerra bruscamente porque de repente uma terceira pessoa surgiu ou simplesmente porque não há mais interesse ou atração, sei lá, vá saber o que interrompe um sentimento, é mistério indecifrável. Mas o amor termina, mal-agradecido, termina, e termina só de um lado, nunca se encerra em dois corações ao mesmo tempo, desacelera um antes do outro, e vai um pouco de dor pra cada canto. Dói em quem tomou a iniciativa de romper, porque romper não é fácil, quebrar rotinas é sempre traumático. Além do amor existe a amizade que permanece e a presença com que se acostuma, romper um amor não é bobagem, é fato de grande responsabilidade, é uma ferida que se abre no corpo do outro, no afeto do outro, e em si próprio, ainda que com menos gravidade.

E ter o amor rejeitado, nem se fala, é fratura exposta, definhamos em público, encolhemos a alma, [...]. Sem o amor, nada resta, a crença se desfaz, o romantismo perde o sentido, músicas idiotas nos fazem chorar dentro do carro.

Passa a dor do amor, vem a trégua, o coração limpo de novo, os olhos novamente secos, a boca vazia. Nada de bom está acontecendo, mas também nada de ruim. Um novo amor? Nem pensar. Medo, respondemos.

Que corajosos somos nós, que apesar de um medo tão justificado, amamos outra vez e todas as vezes que o amor nos chama, fingindo um pouco de resistência mas sabendo que para sempre é impossível recusá-lo.

MEDEIROS, Martha. Disponível em: <http://www.patriciaximenes.com/2010/11/o-medo-do-amor-martha-medeiros.html>. Acesso em: 26 set. 2011.

 Bloco1 – texto 4


CASTRO, E. M. de Melo. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=27764>>. Acesso em: 3 dez. 2011. (P120353RJ_SUP)

Bloco 1 – texto 5

Progredir ou preservar: uma questão de opinião

Cidade pacífica, localizada no noroeste fluminense, habitada por gente humilde e acolhedora, esta é Itaocara, também conhecida como “Princesinha do Paraíba”. A vida típica de uma pacata cidade do interior. Mas uma polêmica vem ganhando a atenção dos itaocarenses: a construção de uma usina hidrelétrica no Rio Paraíba do Sul, entre as localidades de Porto Marinho e Batatal, o que poderá alterar toda essa harmonia, custo muito alto para um progresso duvidoso.

Uma pesquisa realizada por alunos da turma 2002 do CIEP 245 revelou que 56% dos entrevistados são favoráveis à construção da barragem, 13% são contrários e 1% não soube opinar, num total de 425 pessoas questionadas. Biólogos e pescadores do Projeto pelo alagamento da região é irreversível. Na opinião do secretário de Meio Ambiente, [...], o projeto de construção necessita de mais estudos de minimização dos impactos porque, embora a área alagada seja grande, precisamos do progresso.

Diante de todos esses fatos, sou contra a implantação da usina porque, em tempos de aquecimento global e poluição desordenada, não podemos virar as costas para o nosso meio ambiente, representado por uma fauna e flora riquíssimas. São 186 espécies de vegetais e inúmeros animais, seis deles – lagosta-de-são-fidélis, piabanha, surumbim-do-paraíba, cascudo-barbudo, cágado-do-paraíba, e lontra – correm risco de extinção. Segundo o biólogo Guilherme Souza, as escadas construídas próximo às represas para que os peixes desovem rio acima não são eficazes, pois apenas 0,01% deles conseguem transpô-las.

O progresso não pode nos levar a um futuro de fome e miséria.

Oponho-me também à ideia adotada pelo povo de que a usina gerará muitos empregos. Dados divulgados pelo Projeto Piabanha indicam que os empregos gerados pela pesca, cerca de 1.200, superam os que serão criados na barragem, no máximo 80. Além disso, a receita obtida pela atividade pesqueira supera os royalties oferecidos pela companhia ao município.

Sei que Itaocara precisa arregaçar as mangas para progredir e que tudo tem seu preço, no entanto, a “Princesinha do Paraíba” deve estar sempre de braços abertos e louvar o que sempre teve de melhor: a vida!

SILVA JÚNIOR, Elson de Souza. In: *Olimpíada de Língua Portuguesa: escrevendo o futuro*. Ministério da Educação e Fundação Itaú Social, 2008. P. 58. *Adaptado: Reforma Ortográfica.

Bloco 2 – texto 1

Internet ameaçada: as inúmeras investidas para controlar a rede mundial

Vivemos uma onda mundial de tentativa de controle sobre a internet. Para entender como a liberdade e os direitos civis na rede estão ameaçados, é preciso conhecer quem e quais são os interesses das grandes corporações do capitalismo global que atuam na rede. O primeiro bloco, e talvez o pior, avalia-se, é o da indústria do copyright, referente aos direitos autorais das indústrias fonográfica, cinematográfica e das grandes editoras, explica o sociólogo Sérgio Amadeu, representante da sociedade civil no Comitê Gestor da Internet e professor da Universidade Federal do ABC. “Elas [as indústrias] querem evitar o compartilhamento de arquivos digitais numa rede que é basicamente de compartilhamento. Ou seja, adoram as novidades tecnológicas, mas odeiam o que as pessoas podem fazer com elas”, explica.

[...] a indústria do copyright tenta impor legislações que legalizem a vigilância e o grampo na internet, “com quebra de privacidade e criminalização das práticas de compartilhamento”, explica Marcelo Branco, da Associação Software Livre.org. “Os exemplos são as legislações Pipa, Sopa e Acta – que é a lei mãe de todas–, e, no Brasil, a lei do cybercrimes do Eduardo Azeredo”, aponta. “As indústrias fonográfica e cinematográfica estão tentando transformar a internet num espaço legalmente vigiado; os indivíduos da rede terão a privacidade quebrada sem nenhum mandado judicial”.

MERLINO, Tatiana. *Caros Amigos*. ed. 180. Disponível em: <http://carosamigos.terra.com.br/index2/index.php/component/content/article/165-edicao-180/2631-internet-ameacada-as-inumeras-investidas-para-controlar-a-rede-mundial>. Acesso em: 15 abr. 2012. Fragmento.

Bloco2 – texto2

G8 discute regulação e controle da internet

SÃO PAULO - O primeiro dia de debates do e-G8, evento que reúne representantes das oito maiores economias do mundo, países emergentes e executivos de empresas de tecnologia, concentrou as discussões em torno da liberdade de uso da internet no mundo.

Sediado em Paris, o e-G8 foi aberto pelo presidente francês, Nicolas Sarkozy, na tarde de hoje. Além de chefes de Estado, executivos como o conselheiro do Google, Eric Schmidt, o CEO do Facebook, Mark Zuckerberg, e representantes de companhias como Twitter e Wikipedia participam das discussões.

Todas as conclusões e propostas dos dois dias do encontro eletrônico serão apresentadas ao G8 tradicional, a reunião dos governantes dos Estados Unidos, Japão, Inglaterra, França, Itália, Canadá, Alemanha e Rússia, que acontecerá nos dias 26 e 27 deste mês, no balneário francês de Deauville. [...]

De acordo com analistas, é de grande interesse das companhias do Vale do Silício que os governantes entendam que uma internet moderada será obstáculo para a inovação.

[...]O presidente francês é conhecido por defender e criar severas leis para garantir os direitos de copyright na internet. Os debates podem ser acompanhados ao vivo pela página do evento no Facebook.

LEMOS, Aline Monteiro. Info. *Exame*. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/mercado/g8-discute-regulacao-e-controle-da-internet-24052011-43.shl>. Acesso em: 24 maio 2011.

Bloco 2 – texto 3

Múltipla escolha

Os homens primitivos não filosofavam: inventavam deuses. Depois tentavam aplacar com sacrifícios esses chamados mitos, que tinham criado para explicar o enigma das forças da natureza, nascimento e morte. Nós, ditos modernos, se já não cultuamos esses mitos arcaicos (a ciência tirou o véu de mistério da maioria deles), inventamos novos, não menos poderosos. Se não os enfrentarmos, todo dia ao acordar estaremos homenageando com uma mesura o seu desejo de sangue e tempo: o sangue da nossa alma e o tempo da nossa vida.

Eles pairam como figuras emblemáticas na paisagem do que chamamos “cultura”, que, no sentido aqui assumido, é esse caldo em que estamos mergulhados, do qual somos produtores e produtos, que nos forma e que influenciamos. Ela nos envia mensagens óbvias ou subliminares, que têm a ver com nossos usos, costumes, história e histórias e anedotas, modelos bons ou impossíveis, ordens e contraordens. Assim se determina o nosso caminho de indivíduos, cidadãos, grupo maiores e menores, sociedades enfim. [...]

Mas conceitos podem ser infundados, enganosos. Conceitos são as roupagens dos valores ou a careta dos preconceitos, portinhas que dão para lugar nenhum, ou paisagens desenhadas por algum grande gozador que nos quis pregar uma peça. Às vezes caímos nela.

Vidas inteiras se guiam por alguns deles, e só o velho bom-senso e o arcaico instinto nos ajudam a escapar e a escolher.

Na verdade estamos pouco exigentes. [...]

Mas se almejamos algum tipo de liberdade – seja o que for que isso queira dizer para cada um –, é preciso arriscar: trazer esses nossos enganos até o chão da realidade, remover suas máscaras e sua mística, e escolher, com audácia se for preciso, que portas vamos abrir ou ignorar.

LUFT, Lya. *Múltipla escolha*. São Paulo: Record, 2010. Fragmento.

Bloco 2 – texto 4

Cafezinho

Leio a reclamação de um repórter irritado que precisava falar com um delegado e lhe disseram que o homem havia ido tomar um cafezinho. Ele esperou longamente, e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.

Tinha razão o rapaz de ficar zangado. Mas com um pouco de imaginação e bom humor podemos pensar que uma das delícias do gênio carioca é exatamente essa frase:

Avida é triste e complicada. Diariamente é preciso falar com um número excessivo de pessoas. O remédio é ir tomar um “cafezinho”. Para quem espera nervosamente, esse “cafezinho” é qualquer coisa infinita e torturante. Depois de esperar duas ou três horas dá vontade de dizer:

- Bem cavaleiro, eu me retiro. Naturalmente o Sr. Bonifácio morreu afogado no cafezinho. Ah, sim, mergulhemos de corpo e alma no cafezinho. Sim deixemos em todos os lugares este recado simples e vago:

- Ele saiu para tomar um café e disse que volta já.

Quando a bem-amada vier com seus olhos tristes e perguntar:

- Ele está? – alguém dará o nosso recado sem endereço. Quando vier o amigo e quando vier o credor, e quando vier o parente, e quando vier a tristeza, e quando a morte vier, o recado será o mesmo:

- Ele disse que ia tomar um cafezinho...

Podemos, ainda, deixar o chapéu. Devemos até comprar um chapéu especialmente para deixá-lo. Assim dirão:

- Ele foi tomar um café. Com certeza volta logo. O chapéu dele está aí...

Ah! Fugamos assim, sem drama, sem tristeza, fugamos assim. A vida é complicada demais. Gastamos muito pensamento, muito sentimento, muita palavra. O melhor é não estar.

Quando vier a grande hora do nosso destino nós teremos saído há uns cinco minutos para tomar um café. Vamos, vamos tomar um cafezinho.

BRAGA, Rubem. In: *O conde e o passarinho & Morro do isolamento*. Rio de Janeiro: Record, 2002. P. 156-157.

Bloco 2 – texto 5

Audiência da palavra

O impacto da TV na linguagem cotidiana dá muito o que falar. Nem te conto. Não é mais papo de vizinha aderir a uma novela, [...] e nenhum torcedor liga muito para as mudanças de regras esportivas feitas para atender aos caprichos da televisão.

Não percebemos, mas a TV nos garante um fornecimento diário de influências sobre a língua.

Com a TV, nossa linguagem se atualiza e se renova, mas também se pasteuriza. Sotaques são padronizados e reproduzidos, bordões viram moeda de troca de audiência, formas de comunicar se encaixam em parâmetros palatáveis à transmissão por satélite e cabo. [...]

Turbinada pela mídia e pelos novos aparatos da ciência e da tecnologia, a linguagem avança, e com ela, é testada a própria autonomia dos falantes do português. [...]

Os brasileiros são tão familiarizados com TV que não é possível mais traçar cenários apocalípticos que pintem céus e infernos do veículo. Mas não custa apontar alguns momentos em que sua influência se legitima e prolifera. Porque ingenuidade dá ibope, saber um pouquinho mais sobre ela antes mesmo de liga-la pode fazer diferença.

FERREIRA JUNIOR, Luiz Costa. Carta ao leitor. *Língua Portuguesa*, ano I, n. 4, 2006, p.6. Fragmento.

3º Bimestre

Bloco1 – texto 1

A posição social da mulher de hoje

Ao contrário de algumas teses predominantes até bem pouco tempo, a maioria das sociedades de hoje já começam a reconhecer a não existência de distinção alguma entre homens e mulheres. Não há diferença de caráter intelectual ou de qualquer outro tipo que permita considerar aqueles superiores a estas.

Com efeito, o passar do tempo está a mostrar a participação ativa das mulheres em inúmeras atividades. Até nas áreas antes exclusivamente masculinas, elas estão presentes, inclusive em posições de comando. Estão no comércio, nas indústrias, predominam no magistério e destacam-se nas artes. No tocante à economia e à política, a cada dia que passa, estão vencendo obstáculos, preconceitos e ocupando mais espaços.

Cabe ressaltar que essa participação não pode nem deve ser analisada apenas pelo prisma quantitativo. Convém observar o progressivo crescimento da participação feminina em detrimento aos muitos anos em que não tinham espaço na sociedade brasileira e mundial. Muitos preconceitos foram ultrapassados, mas muitos ainda perduram e emperram essa revolução de costumes. A igualdade de oportunidades ainda não se efetivou por completo, sobretudo no mercado de trabalho. Tomando-se por base o crescimento qualitativo da representatividade feminina, é uma questão de tempo a conquista da real equiparação entre os seres humanos, sem distinções de sexo.

Bloco 1- texto 2

A mulher no Brasil de hoje

A mulher, até recentemente, possuía pouca participação de destaque no cenário nacional. Normalmente envolvida nas atividades do lar e na criação dos filhos, a presença feminina, na maioria das profissões, era rara ou de valor secundário, inclusive na questão do ganho salarial. No século passado, os nomes mais famosos do universo feminino estavam concentrados na área artística e cultural, tais como a música, o teatro ou a escrita. Certamente, a nomeação da ministra Zélia Cardoso de Melo para chefiar a área econômica do Brasil, no início da década de 90, foi uma iniciativa arrojada e praticamente inédita na história da política brasileira.

O cenário da participação feminina no cotidiano brasileiro atual é bem diferente. Não existem mais diferenças entre as capacidades e possibilidades de ambos os sexos. Muito pelo contrário, e fruto [como consequência] da iniciativa da mulher brasileira de buscar a própria qualificação profissional aliada às [e das] políticas governamentais exclusivas sobre o tema, observa-se hoje que não existem mais barreiras para o seu progresso individual.[...]

Da mesma forma, no cenário internacional, constata-se a presença da mulher brasileira com projeção e importância. A designação feminina para ocupar as representações nacionais no exterior, tais como embaixadas, consulados e a destacada vaga de representante do País na Organização das Nações Unidas (ONU) atestam a importância desse fato no crédito ao desenvolvimento atingido pelo Brasil nos últimos anos.

Portanto, observa-se, no despertar de mais uma nova década, que a situação social da mulher na sociedade brasileira atual é consideravelmente relevante e imprescindível. Mais ativa em áreas específicas, tais como a política, economia, educação superior e na diplomacia, a mulher brasileira se firma na atualidade como clara demonstração do amadurecimento da democracia brasileira, fundamentada na igualdade de oportunidades e na plena possibilidade de ascensão social.

Bloco1 – texto 3

O mito da criação da noite

Antigamente não havia noite. Era sempre dia. O Sol brilhava esquentando a Terra. A Lua e as estrelas eram como o Sol. Tudo era luz e claridade na aldeia e sua floresta. Os homens caçavam sem cessar e as mulheres trabalhavam sem descanso, pois era sempre dia, noite não havia. O Sol fazia seu percurso até o poente para então retornar pelo caminho inverso de volta ao nascente. Mauá controlava o Sol, a Lua e as estrelas, não permitindo que ninguém deles se aproximasse.

Certa vez um homem quis saber como o Sol funcionava. Esperou que Mauá saísse para caçar e aproximou-se do Sol. Ao tocá-lo, o Sol quebrou, o mesmo acontecendo com a Lua e as estrelas. E a noite surgiu engolindo tudo.

Os homens que caçavam na mata ficaram perdidos na imensidão do escuro. As mulheres mal conseguiam encontrar suas redes dentro da maloca. Crianças e idosos lamentavam-se do fundo da noite sem luz.

Mauá voltou para consertar o Sol. Ao ver o homem que o havia quebrado, Mauá lançou-se sobre ele e o atirou longe.

Quando caiu, o homem transformou-se no macaquinho mão-de-ouro, escuro como a noite e com as mãos douradas como o Sol que havia tocado.

Não foi possível consertar o Sol para que funcionasse como antes. Ele caminhava para o poente mas não conseguia retornar, sumindo no horizonte e deixando a Terra na escuridão.

Mauá então fez com que a Lua e as estrelas surgissem na ausência do Sol para iluminar um pouco a noite. E é assim até hoje.

Bloco 2 – texto 1

Como devem ser as relações entre as pessoas e seus animais de estimação?

Cada vez mais, tem sido comum acompanharmos nos noticiários pessoas ricas que deixam suas fortunas para seus animais de estimação como uma forma, ainda que exagerada, de amor e estima. Infelizmente, numa proporção um pouco maior, temos observados [observado] também que nem sempre esse amor se manifesta, pelo contrário, os atos de agressão violenta [física] , abandono e descaso chocam [...], a todo o momento.

Recentemente, tivemos notícia na imprensa nacional, de um caso de extrema violência. Uma enfermeira, espancou [enfermeira espancou] e torturou até a morte seu cãozinho de estimação e, como se não bastasse tamanha barbárie, ainda o fez na presença de seu filho de apenas 3 anos. Este [Esse] episódio teve repercussão não só no Brasil mas como [também] em todo o mundo, dada tamanha crueldade empregada contra o animal indefeso.[...]

Criar um animal não é o mesmo que cultivar uma planta. Há, neste caso, necessidades físicas e afetivas de caráter mútuo que precisam ser respeitadas dentro de um equilíbrio racional. Dosar o amor [...] e dar um tratamento digno é o caminho mais acertado tanto para o dono quanto para seu bicho de estimação.

Bloco 2 – texto 2

Humanos e animais: seres de um mesmo reino

Desde os tempos remotos os seres humanos estabelecem relações com os animais, seja ela econômica, cultural ou afetiva. Isso repercutiu durante toda a história da humanidade, sendo que, nas últimas décadas, cresceu o número de pessoas que possuem animais de estimação, relacionando-se com os mesmos [eles] de diversas maneiras.

O relacionamento ser- humano animal [entre seres humanos e animais] de estimação deve ser amigável e equilibrado, para que possa trazer benefícios a ambas as partes. Através de respeito, consegue - se [conseguem-se] bons resultados, como os obtidos com o uso de cachorros no tratamento de pacientes que tenham depressão e/ou câncer. Nesse caso, os animais ajudam a elevar e qualificar a autoestima da pessoa, ajudando-a a enfrentar o tratamento com mais alegria e, em troca, recebem carinho e atenção.

Todavia, há alguns absurdos, muitos deles divulgados pela mídia, [mídia:] maus tratos, agressões covardes aos animais, práticas ilícitas como rinha de galo, excesso de mimos e cuidados, fatos esses que causam, na maioria da população, revolta e indignação, além de poder trazer como consequência atitudes inesperadas por parte de animais de estimação, comportamento agressivo, fobias.

O verdadeiramente [O] necessário é reprimir os excessos e mostrar às pessoas a maneira certa [mais adequada] de relacionar-se com seu respectivo bicho de estimação, um convívio que, como tudo na vida, deve estar embasado no respeito mútuo e estar inserido dentro de certos limites de comportamento e de zelo, para que se torne uma interação prazerosa e que traga felicidade.

Bloco 2 – texto 3

A lenda da gralha azul

A gralha azul é um Corviedo (família dos corvos),
era todo preto e vivia triste pelos pinheiras do sul, um dia, um velho
pinheiro que vivia lá no alto da serra de braços aberto.

Perguntou a gralha:

Porque você é triste ?

Ela lhe respondeu:

Sou feia, queria ter a cor do céu.

Então o velho pinheiro falou, vá no céu buscar sua cor.

A gralha voou bem alto, mas bem alto mesmo e lá no céu ela olhou seu

corpo, e o que seus olhos conseguiam ver de seu próprio corpo, observou que estava todo azul, somente ao redor da cabeça onde não conseguiu enxergar, continuou preto. Ao voltar para os pinheirais, ficou tão feliz que seu canto passou a ser verdadeiro Alarido, que mais parece as vozes de crianças brincando. E em agradecimento a gralha passou a plantar o pinheiro.

Bloco 2 – texto4

Enquanto luzes se acendem: o brilho da natureza se apaga

Situado próximo ao Patrimônio de São Gonçalo, o córrego da Lapa possui nos seus arredores uma planície onde se encontra o rio São Mateus, com grande potencial de queda, relevo favorável e elevado suprimento hidrográfico. Provavelmente, essas tenham sido características decisivas que proporcionaram uma intrigante iniciativa: a construção de uma hidrelétrica.

Esse projeto do governo federal, coordenado pelo Ministério de Minas e Energia, ainda está sendo estudado, o que não diminui a contrariedade da população ao caso.

Segundo dados da empresa contratada[...], a duração da obra está prevista para dois anos e garantirá a geração de aproximadamente 350 empregos indiretos, sendo 150 permanentes.

O núcleo planejador alega que o município se beneficiaria com a geração de energia elétrica, que traria significativo crescimento econômico e estrutural.

Apesar disso, sou contra a construção porque, embora a energia hidráulica seja considerada uma fonte limpa (não poluente) e renovável de obtenção de energia, causa grandes impactos, tanto ambientais, quanto sociais.

A construção de uma barragem causaria a diminuição do fluxo de água, o que prejudicaria os agricultores que dependem do rio para a irrigação de suas plantações. Ademais, a interrupção do curso da água ocasionaria a falta de oxigênio na mesma, o que seria propício para a criação de bactérias e nascimento de mosquitos e lavras.

Além disso, os moradores da localidade seriam obrigados a abandonar suas propriedades de onde retiram seu sustento e vivem há anos. E, no caso de rompimento da barragem, a água causaria mais desastres e inundaria outras áreas, inclusive o Patrimônio de São Gonçalo.

Mas os problemas vão muito além das relações humanas: alteraria ecossistemas naturais.

A barragem ainda prejudicaria a piracema, um processo natural de reprodução dos peixes, inundaria aproximadamente 400 hectares de vegetação nativa, destruindo o hábitat de várias espécies animais e vegetais.

Mesmo que a empresa tente minimizar, sempre existirá a degradação socioambiental. Por isso, penso que o meio ambiente e os próprios moradores da região não podem sofrer as consequências da comodidade e de materialidade humana.

Enfim, é preciso conscientização e senso social, para que enquanto luzes se acendem vidas não se apaguem.

Bloco 2 – texto 5

A mosca atrapalhada

Vou contar para vocês a confusão e correria que uma mosca arrumou certa vez...

Uma mosca viu uma cobra dormindo em cima dum monte de lenha e, prestimosa como sempre, foi logo avisando-a:

-- Ó, dona cobra, fuja daí porque está chegando alguém para buscar a lenha e a vendi aí pode matá-la.

A cobra seguiu o conselho e se enfiou apressadamente dentro da toca de um rato. Este, ao ver a cobra entrando pela sua casa adentro, deu um guincho e fugiu todo esbaforido pela saída de emergência. Do lado de fora, deu um esbarrão na perna do faisão que, nervoso, começou a berrar. O macaco, que estava dormindo, ao ouvir a gritaria, deu um pulo tão grande que um galho caiu em cima da cabeça de um elefante que estava passando debaixo da árvore naquele momento.

O elefante, apavorado, saiu esmagando tudo pela frente e acabou pisando no ninho de pássaro ntiétié. Esta ave, que tem as penas vermelhas como fogo, ficou tão zangada que incendiou a planície.

O veado, que passava ali por perto, queimou as patas e correu em direção ao rio para se refrescar. Estava tão assustado que se esqueceu de gritar, como fazia sempre, para avisar as mulheres da aldeia, que estavam banhando-se no rio, para se vestirem.

Elas saíram correndo e foram imediatamente se queixar ao chefe da aldeia.

O veado foi então chamado para se explicar. Ele pediu desculpas e pôs a culpa no pássaro ntiétié. O chefe da aldeia mandou chamar o pássaro e este se defendeu acusando o elefante. E assim por diante todos os animais metidos na confusão tiveram que se apresentar ao enfurecido chefe da aldeia para se justificarem.

Até que chegou a vez da mosca que quis fazer um bem avisando a cobra e acabou se dando mal. O chefe da aldeia reuniu o conselho de ancião para julgar o caso, e ela foi perdoada.

Hoje vive por ai zumbindo no nariz da gente.

Anexo 5 – Matriz de Referência do 1º ano

MATRIZ DE REFERÊNCIA DE LÍNGUA PORTUGUESA SAERJINHO - 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO						
HABILIDADES		B1	B2	B3	B4	DETALHAMENTO
TÓPICO I - PROCEDIMENTOS DE LEITURA						
H01	Localizar informações explícitas em um texto.		X			
H02	Inferir o sentido de palavra ou expressão.	X	X	X	X	
H03	Inferir uma informação implícita em um texto.	X	X	X	X	
H04	Identificar o tema de um texto.	X	X		X	
H05	Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.		X		X	
TÓPICO II - IMPLICAÇÕES DO SUPORTE E DO GÊNERO TEXTUAL						
H06	Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.).			X		
H07	Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.	X	X	X	X	B2: usar carta de leitor.
H08	Identificar o gênero de diversos textos	X	X	X	X	
H09	Reconhecer os elementos da comunicação.	X	X			
H10	Identificar funções da linguagem.	X	X	X		
H11	Reconhecer os modos de organização das diferentes tipologias textuais.		X	X	X	
TÓPICO III - RELAÇÃO ENTRE TEXTOS						
H14	Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.	X	X	X	X	
H15	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.	X	X			
TÓPICO IV - PROCESSAMENTO DO TEXTO						
H16	Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.	X	X		X	
H17	Identificar a tese de um texto.		X			
H18	Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la.		X			
H20	Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.	X	X		X	
H21	Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a textos narrativos.				X	
H22	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.	X	X	X	X	
H23	Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.	X	X	X		
H24	Estabelecer relações de concordância nominal e verbal.	X	X		X	
TÓPICO V - RELAÇÕES ENTRE RECURSOS EXPRESSIVOS E EFEITOS DE SENTIDO						
H25	Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.		X	X	X	
H26	Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.		X	X	X	B2: usar entrevista.
H27	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.	X	X	X	X	
H28	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfo sintáticos.		X	X	X	
TÓPICO VI - VARIAÇÃO LINGUÍSTICA						
H30	Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.		X	X	X	

Anexo 6 – Matriz de Referência do 2º ano

HABILIDADES		B1	B2	B3	B4	DETALHAMENTO
TÓPICO I - PROCEDIMENTOS DE LEITURA						
H01	Localizar informações explícitas em um texto.	X	X	X	X	
H02	Inferir o sentido de palavra ou expressão.	X	X	X	X	
H03	Inferir uma informação implícita em um texto.	X	X	X	X	
H04	Identificar o tema de um texto.	X				
H05	Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.	X	X	X		
TÓPICO II - IMPLICAÇÕES DO SUPORTE E DO GÊNERO TEXTUAL						
H07	Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.	X	X	X		B2 e B3: usar resenha e sinopses acerca das obras do período literário.
H08	Identificar o gênero de diversos textos	X	X	X	X	
H09	Reconhecer os elementos da comunicação.	X				
H10	Identificar funções da linguagem.	X	X	X	X	B1: função referencial. B2: funções emotiva e poética. B3: funções conativa, fática e referencial. B4: funções poética, metalinguística e emotiva.
H11	Reconhecer os modos de organização das diferentes tipologias textuais.	X	X	X		
H12	Reconhecer características do texto poético.		X	X	X	
H13	Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social.		X	X	X	
TÓPICO III - RELAÇÃO ENTRE TEXTOS						
H14	Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.	X	X	X	X	Nos quatro bimestres, também podem ser utilizados textos não-verbais como, por exemplo, fotografias, pinturas, esculturas.
H15	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.	X	X	X		
TÓPICO IV - PROCESSAMENTO DO TEXTO						
H16	Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.	X	X	X	X	B1: substituição lexical e pronomes pessoais retos. B2: o mesmo do bimestre anterior, incluindo os demonstrativos e possessivos. B3: o mesmo dos bimestres anteriores. B4: o mesmo dos bimestres anteriores, incluindo os indefinidos.
H17	Identificar a tese de um texto.	X				
H19	Reconhecer estratégias argumentativas.	X				
H20	Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.	X				
H21	Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a textos narrativos.		X	X		Incluir tipos de discurso.
H22	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.	X	X	X		
H23	Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.	X	X	X	X	
H24	Estabelecer relações de concordância nominal e verbal.	X	X	X		
H25	Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.			X		
H26	Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.	X	X	X	X	
H27	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.	X	X	X	X	
H28	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.	X	X	X	X	Incluir: B1: modalizadores discursivos. B2: adjetivos e advérbios.

						B3: tempos verbais da narrativa.
H29	Reconhecer efeitos provocados pelo emprego de recursos estilísticos.	X	X	X	X	B2, B3 E B4 avaliar, também: • a relação entre o emprego de figuras de linguagem e a estética literária.
TÓPICO VI - VARIAÇÃO LINGUÍSTICA						
H30	Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.		X	X	X	

Anexo 7 – Matriz de Referência do 3º ano

HABILIDADES		B1	B2	B3	B4	DETALHAMENTO
TÓPICO I - PROCEDIMENTOS DE LEITURA						
H01	Localizar informações explícitas em um texto.	X	X	X	X	
H02	Inferir o sentido de palavra ou expressão.	X	X	X	X	
H03	Inferir uma informação implícita em um texto.	X	X	X	X	
H04	Identificar o tema de um texto.			X	X	
H05	Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.			X	X	
TÓPICO II - IMPLICAÇÕES DO SUPORTE E DO GÊNERO TEXTUAL						
H06	Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.).				X	
H07	Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.	X	X	X	X	B1 e B2: usar resenha e sinopses acerca das obras do período literário.
H08	Identificar o gênero de diversos textos	X	X	X	X	
H10	Identificar funções da linguagem.	X			X	B1: funções poética, metalinguística e emotiva. B4: funções referencial, conativa e fática.
H11	Reconhecer os modos de organização das diferentes tipologias textuais.	X	X	X	X	
H12	Reconhecer características do texto poético.	X	X			
H13	Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social.		X	X	X	
TÓPICO III - RELAÇÃO ENTRE TEXTOS						
H14	Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.	X	X	X	X	Nos quatro bimestres, também podem ser utilizados textos não-verbais como, por exemplo, fotografias, pinturas, esculturas.
H15	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.			X	X	
TÓPICO IV - PROCESSAMENTO DO TEXTO						
H16	Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.			X	X	Todos os indicados na 2ª série, incluindo pronomes relativos.
H17	Identificar a tese de um texto.	X		X	X	B1: Manifestos do Modernismo.
H18	Estabelecer relação entre a tese e os argumentos utilizados para sustentá-la.			X	X	
H19	Reconhecer estratégias argumentativas.			X	X	
H20	Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.			X	X	
H21	Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a textos narrativos.	X	X		X	Incluir tipos de discurso.
H22	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.	X	X	X	X	
H23	Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.	X	X	X	X	
H24	Estabelecer relações de concordância nominal e verbal.	X	X	X	X	
TÓPICO V - RELAÇÕES ENTRE RECURSOS EXPRESSIVOS E EFEITOS DE SENTIDO						
H25	Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.	X	X	X	X	
H26	Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.	X	X	X	X	
H27	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.	X	X	X	X	
H28	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfo sintáticos.	X	X	X	X	Incluir: B1: modalizadores discursivos. B2: adjetivos e advérbios. B3: tempos da narrativa.
H29	Reconhecer efeitos provocados pelo emprego de recursos estilísticos.	X	X	X	X	B1 e B2 avaliar, também: • a relação entre o emprego de figuras de linguagem e a estética literária.

TÓPICO VI - VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

H30	Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.	X	X	X	X	
-----	---	---	---	---	---	--